



unioeste

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - MESTRADO**

MARTA LUCIA ALVES ASSENZA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: A EXPERIÊNCIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**

**TOLEDO
2018**

MARTA LUCIA ALVES ASSENZA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: A EXPERIÊNCIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *campus* de Toledo, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

Prof. Orientador Dr. Silvio Antonio Colognese

**TOLEDO/PR
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Assenza, Marta Lucia Alves

Internacionalização do ensino superior : a experiência da Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Marta Lucia Alves Assenza; orientador(a), Silvio Antonio Colognese, 2018.

91 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. Internacionalização. 2. Ensino superior. 3. Globalização. I. Colognese, Silvio Antonio. II. Título.

MARTA LUCIA ALVES ASSENZA

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: A EXPERIÊNCIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Toledo, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Silvio Antônio Colognese - (Orientador)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Professor Dr. Miguel Arcanjo de Freitas Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Professor Dr. Eric Gustavo Cardin
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Toledo, PR, 13 de abril de 2018.

Dedico este trabalho aos meus filhos
Frederico, Giuliano e Maria Clara,
minha razão de viver.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pelo dom da vida e da inteligência, pela saúde e perseverança que me auxiliaram na minha jornada e conclusão desse trabalho.

Agradeço aos meus filhos Frederico, Giuliano e Maria Clara, companheiros de jornada que me motivam cada dia a ser uma pessoa melhor. Também, pela força que sempre me deram com os estudos, servindo de exemplo, me motivando e compreendendo a minha ausência.

Aos meus sogros, Carlos e Marilene, que durante os períodos de ausência cuidaram dos meus filhos e me apoiaram, auxiliando o meu desempenho.

Ao amigo e companheiro de jornada, Carlos Eduardo, que além de cuidar dos nossos filhos, nos meus momentos de ausência, me auxiliou nesse trabalho.

À minha mãe, Neusa, que durante o período do mestrado mais uma vez me mostrou a sua força e vontade de viver, vencendo mais algumas, de tantas batalhas. Meu exemplo de mãe, de mulher, de amor à vida!

Ao meu pai Geraldo (*in memoriam*), que sempre me ensinou que estudar é o caminho para a verdade e para a liberdade. Conhecimento, ninguém tira de você.

Aos meus irmãos, Eduardo e Cláudia, que mesmo quando tudo parecia estabilizado, saíram da sua zona de conforto e também foram atrás do conhecimento.

E, nos agradecimentos especiais, ao professor Antônio Nóvoa, pela indicação da obra e pelo despertar de uma motivação ao tema por meio das palavras inspiradoras e à professora Jane Knight, que diante da sua excelência no assunto, humildemente atendeu ao meu pedido e compartilhou comigo um pouco do seu conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho que seguraram a barra enquanto eu me qualificava: Angela, Marco e Christian, que essa busca também faça parte de vossas vidas. Também, às minhas chefes, Liliam e Elenita pelo apoio e por compreenderem meus momentos de ausência. E aos

colegas anônimos das Pró-Reitorias, Diretorias da Unioeste e dos diversos setores, que com o seu trabalho de alimentar sistemas e relatórios permitiram facilitar a minha pesquisa, em especial àqueles que não mediram esforços em me atender prontamente. Vocês foram essenciais para a realização deste mestrado.

Aos meus colegas do Mestrado que se tornaram meus grandes amigos e apoiadores, companheiros de jornada e de engorda: Adriana, Alexandre, Christiano, Elza, Josefa, Marcelo, Marilana e Marli;

Ao professor Paulo Sérgio Wolff, o Cascá, que sempre me apoiou, até mesmo quando nem eu acreditava no meu potencial e tornou possível a realização do sonho do mestrado.

Não poderia deixar de agradecer à secretária do Programa, Marilucy, sempre gentil e atenciosa com todos e a todos os docentes do curso de Mestrado em Ciências Sociais que ministraram aulas na nossa turma: Eric, Paulo H. Dias, Osmir, Andréia, Paulo Azevedo, Miguel, Vânia e Rosana, que me fizeram rever conceitos e auxiliaram na construção da Dissertação e na minha jornada acadêmica.

E finalmente, um agradecimento especial ao meu orientador, professor Silvio Colognese, que me apoiou nos muitos momentos de dificuldade, me conduzindo e cuja presença silenciosa me lembrava das minhas obrigações. Obrigada!

A todos vocês, a minha gratidão!

Quando descobrimos que há diversas culturas ao invés de apenas uma e conseqüentemente na hora em que reconhecemos o fim de um tipo de monopólio cultural, seja ele ilusório ou real, somos ameaçados com a destruição de nossa própria descoberta, subitamente torna-se possível que só existam outros, que nós próprios somos um 'outro' entre outros. Tendo desaparecido todos os significados e todas as metas, torna-se possível vagar pelas civilizações como através de vestígios e ruínas. Toda a espécie humana se torna um museu imaginário: aonde vamos este fim de semana — visitar as ruínas de Angkor ou dar uma volta no Tivoli de Copenhagen?

Paul Ricoeur, "Civilizações e Culturas Nacionais", em seu História e Verdade

“O sertão é do tamanho do mundo. O sertão está em toda parte”. João Guimarães Rosa

ASSENZA, Marta Lucia Alves Assenza. **INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: A EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* Toledo.

RESUMO: Diante do fenômeno da Globalização, em que grande parte das atividades humanas, para além da economia, ganham o mundo, a educação adquire papel importante nesse contexto atual da humanidade, na busca por uma sociedade mais justa e um mundo melhor. A Universidade tem destaque nessa busca, em que a produção do conhecimento, ultrapassa seus muros e toma o mundo por meio da internacionalização do ensino superior. Nesse sentido, esta dissertação pretende, a partir dos conceitos de internacionalização do ensino superior, identificar quais as atividades realizadas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e como a Unioeste se insere nessa atividade de ensino, que vem ganhando cada vez mais força, com programas sociais de bolsas a estudantes e recebendo estudantes estrangeiros. Por meio de uma metodologia analítica de dados e de caráter qualitativa, buscou-se identificar, com a pesquisa bibliográfica e documental, quais as atividades existentes que caracterizam a internacionalização, quais as atividades realizadas e qual o grau de importância dada a cada atividade e se efetivamente a Unioeste realizou, no período compreendido de 1996 a 2016, a internacionalização, nos moldes apresentados pelos autores a respeito do assunto. E, utilizou-se também os conceitos de internacionalização ativa e passiva, com a finalidade de se identificar qual o tipo de internacionalização a Unioeste desenvolveu, podendo ser enquadrada nesse último tipo, como veremos a seguir.

Palavras-chave: Internacionalização, Globalização, Ensino Superior

ASSENZA, Marta Lucia Alves Assenza. **INTERNACIONALIZATION OF THE HIGHER EDUCATION: THE EXPERIENCE OF THE STATE UNIVERSITY OF WEST OF PARANÁ**. Dissertation (Post-graduation studies in Social Sciences) – State University of West of Paraná – Toledo.

Abstract: Faced with the phenomenon of globalization, when many of human activities apart from economy, gain the world, education acquires an important role in the current context of humanity - assuming that society seeks a fairer and a better world. University has vast share in this pursuit, in which the production of knowledge moves beyond its walls and takes over the world through the Internationalization of Higher Education. In this sense, the present project intends on, from the concepts of Internationalization of Higher Education, identifying the activities carried out at the State University Of West of Paraná (UNIOESTE) and how it is inserted in this teaching activity, which has been gaining strength, with social programs of students' scholarships and by receiving foreign students. Through an analytical methodology of data and qualitative character, it is sought to identify, with a bibliographical and documentary research, the existing activities that characterize the Internationalization. What activities are performed and the degree of importance of each activity and also, if UNIOESTE has effectively executed Internationalization in the period of 1996 to 2016, in the aspects presented by the authors towards the subject.

Keyword: Internationalization, Globalization, Higher Education

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 1996.....	23
Tabela 02 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 2006.....	23
Tabela 03 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 2016.....	24
Tabela 04 – Total de afastamento docente para qualificação de 1996 a 2016.....	25
Tabela 05 – Afastamento docente para qualificação no exterior de 1996 a 2016.....	26
Tabela 06 – Números cursos x alunos matriculados x vagas no vestibular em 1996.....	27
Tabela 07 – Números cursos x alunos matriculados x vagas no vestibular e Sisu em 2016.....	28
Tabela 08 - Total de Estrangeiros por Ano de ingresso - 96 a 2016 (por <i>campus</i>)	28
Tabela 09 - Forma de ingresso de estudantes estrangeiros e total por <i>campus</i> 1996 a 2016.....	29
Tabela 10 - Estrangeiros por curso e <i>campus</i>	33
Tabela 11 - Situação atual dos estudantes estrangeiros.....	34
Tabela 12 – Estudantes PEC-G.....	35
Tabela 13 – Quanto à nacionalidade dos estudantes respondentes e o curso que frequentam...	37
Tabela 14 - Convênios com Instituições de Ensino Superior Estrangeiras.....	49
Tabela 15 - Número de estudantes, países de destino e universidades participantes do CSF, por ano.....	53
Tabela 16 - Etapas a serem cumpridas no processo de internacionalização.....	75
Tabela 17 – Características das gerações de educação transfronteiriça.....	78
Tabela 18 - Proposta de ações a serem observadas na internacionalização do ensino superior.....	82
Tabela 19: Ações e atividades de internacionalização que ocorrem na Unioeste.....	85

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURA

Gráfico 01 - Número de docentes afastados por <i>campus</i> para qualificação no exterior.....	26
Gráfico 02 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por <i>campus</i> - Cascavel.....	30
Gráfico 03 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por <i>campus</i> – Foz do Iguaçu.....	30
Gráfico 04 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por <i>campus</i> – Francisco Beltrão.....	31
Gráfico 05 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por <i>campus</i> – Marechal Cândido Rondon.....	31
Gráfico 06 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por <i>campus</i> – Toledo.....	32
Gráfico 07 - Número de convênios com Instituições de Ensino Superior Estrangeiras.....	48
Gráfico 08 – Países de Destino dos Estudantes do CSF – Unioeste.....	54
Figura 01 – Adaptação da proposta de modelo de internacionalização de Rudzik.....	76

LISTA DE SIGLAS

ACADEMUS – SISTEMA DE GESTÃO ACADÊMICA

ARCU-SUL – SISTEMA DE ACREDITAÇÃO (CERTIFICAÇÃO) DE CURSOS DE GRADUAÇÃO NO MERCOSUL

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

CEPE – CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

COU – CONSELHO UNIVERSITÁRIO

CSF – CIÊNCIAS SEM FRONTEIRA

FACIBEL – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE FRANCISCO BELTRÃO

FACIMAR – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

FACISA – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DE FOZ DO IGUAÇU

FACITOL – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS ARNALDO BUSATO

FECIVEL – FUNDAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE CASCAVEL

FUNIOESTE – FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

FUOP – FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARANÁ

HUOP – HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO OESTE DO PARANÁ

IES – INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MRE – MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MERCOSUL – MERCADO COMUM DO SUL

PDI – PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

PECG – PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO

PLI – PROGRAMA DE LICENCIATURAS INTERNACIONAIS

PPPI – PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL

PROGRAD – PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

UNIOESTE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE	19
2.1	Origem e Desenvolvimento da Unioeste	21
2.2	A Unioeste em números	22
2.3	Docentes	22
2.4	Relação do número de afastamento de docentes para Pós-Graduação no Brasil x Pós-Graduação no Exterior	24
2.5	Discentes da graduação	27
2.6	Estudantes estrangeiros nos cursos de graduação da Unioeste	28
2.7	Programa Estudante Convênio – Graduação (PEC-G)	34
2.8	Estudantes de outros Programas de Mobilidade Estudantil – Arcu-sul	35
2.9	Questionário aplicado aos estudantes estrangeiros	36
2.10	Considerações do capítulo	39
3	AS EXPERIÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIOESTE	41
3.1	Resoluções internas e iniciativas formais de regularização de internacionalização na Unioeste	41
3.2	Os primeiros convênios	47
3.3	As Regulamentações	51
3.4	Mobilidade Acadêmica Internacional	52
3.5	A experiência com o Programa Ciência sem Fronteiras	53
3.6	Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI	55
3.7	Bolsas Ibero-Americanas Santander	55
3.8	Questionário aplicado aos estudantes de graduação que participaram de Programas de Mobilidade Acadêmica	56
3.9	Considerações do Capítulo	60
4	A LITERATURA SOBRE O ENSINO SUPERIOR E A INTERNACIONALIZAÇÃO	62
4.1	O Ensino Superior – A Universidade	63
4.2	Causa e Efeito: A globalização e a internacionalização do ensino superior	65
4.3	Globalização	66
4.4	Internacionalização do ensino superior	69
4.5	Internacionalização ativa e passiva	73
4.6	Que aspectos determinam os níveis de internacionalização	74

4.7	Considerações sobre o capítulo	80
5	PROPOSTA DE MODELO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	81
5.1	Proposta de Modelo de Internacionalização de uma Instituição de Ensino Superior	81
5.2	A realidade da internacionalização na Universidade Estadual do Oeste do Paraná	
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
7	REFERÊNCIAS	90
8	ANEXOS	93

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização, marcado por mudanças nas relações humanas, em um processo que se intensificou após a segunda guerra mundial e impulsionado por transformações econômicas e tecnológicas, vem transformando o mundo em que vivemos numa grande aldeia global¹, cada vez mais conectado, graças à abertura de mercado e aos meios de comunicação. No espaço acadêmico essa mudança requer uma maior abertura da universidade à sociedade, em que é necessária uma consciência de que a tecnologia, a mobilidade e o cosmopolitismo são, hoje, a condição da vida dos jovens.

Impõe-se à universidade uma adaptação diante dessa nova demanda social, pois, o avanço da tecnologia e a globalização criaram um fluxo contínuo de intercâmbio de cultura, pessoas e ideias, transpondo fronteiras e quebrando barreiras. Nesse contexto, apresenta-se a internacionalização do ensino superior.

De acordo com Jane Knight (2008), a internacionalização do ensino superior é compreendida pela autora como o processo dinâmico de integração das dimensões intercultural e internacional ao ensino, pesquisa e serviços administrativos na universidade.

A universidade, nesse contexto da atualidade, deixa de ser local e passa ao patamar da cooperação internacional na produção do conhecimento humano, sem perder a sua identidade.

Para o professor Antônio Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa², da Universidade de Lisboa, em Portugal, durante seu discurso proferido no Encontro Nacional dos 50 anos do PEC-G (Programa Estudante Convênio – Graduação) realizado em Brasília no ano de 2014, a internacionalização tem se configurado como a quarta missão da Universidade para além do tripé indissociável de ensino, pesquisa e extensão, a qual tem um papel fundamental na sociedade. Segundo Nóvoa:

¹ O conceito de aldeia global foi desenvolvido por Marshall McLuhan na década de 60, como forma de explicar os efeitos da comunicação de massa sobre a sociedade contemporânea, no mundo todo. De acordo com sua teoria a abolição das distâncias e do tempo, bem como a velocidade cada vez maior que ocorreria no processo de comunicação em escala global, nos levaria a um processo de retribalização, onde barreiras culturais, étnicas, geográficas, entre outras, seriam relativizadas, nos levando a uma homogeneização sócio-cultural. <https://aboutmarshallmcluhan.wordpress.com/> Acesso em 05/03/2018.

² **Antônio Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa** (Valença, 12 de dezembro de 1954) é um professor universitário português, doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genebra) e História Moderna e Contemporânea (Paris-Sorbonne). Atualmente, é professor catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e reitor honorário da mesma universidade.

“a ideia de que ser internacional é mergulhar numa cultura de fora, como se ser internacional fosse ser anglo-americano. Se houver nações fortes, pode haver interações, se uma dessas for fraca ocorre a internacionalização. Devemos pensar a internacionalização a partir da nossa cultura. Hoje não se valoriza a nossa língua nem a nossa cultura. O universal é o local menos os muros. Deve se internacionalizar a partir de suas raízes, de sua cultura, sem a lógica da dominância”.

De acordo com os professores Fernando Seabra Santos e Naomar de Almeida Filho (2012), a universidade deve compreender a necessidade de colocar o saber a serviço da produção de riqueza, ou seja, da criação de condições proporcionadoras de bem-estar individual e coletivo.

Nas duas últimas décadas, a internacionalização no ensino superior brasileiro tem crescido e vem sendo viabilizada também por meio de políticas públicas. Nessa perspectiva, a universidade precisa possuir uma visão estratégica para adotar práticas mais apropriadas de internacionalização e contribuir na construção de um mundo melhor, a qual tem papel fundamental de responsabilidade social na construção desse mundo, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Essas práticas precisam estar alinhadas com a realidade na qual a instituição está inserida, seja ela política, cultural, social ou econômica.

Nesse sentido, este trabalho buscou identificar, analisar e qualificar, quais as ações relacionadas à internacionalização do ensino superior desenvolvidas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná no período de 1996 a 2016, identificando os níveis de internacionalização praticados na Unioeste e quais os problemas enfrentados para a efetivação desse processo.

A metodologia adotada foi o desenvolvimento de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, por meio de:

- Análise documental das resoluções internas de iniciativas de internacionalização,
- Análise de dados extraídos do sistema de convênios,
- Análise de dados extraídas do sistema de Gestão Acadêmica – ACADEMUS,
- Também foram analisados o Boletim de Dados anual da Unioeste, relatórios da Pró-Reitoria de Planejamento e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação,
- Questionários aplicados aos estudantes estrangeiros e estudantes brasileiros que participaram de Programa de Mobilidade Internacional.

Durante a pesquisa algumas barreiras impediram a análise mais aprofundada dos dados, mas permitiram uma leitura dos fatos, a qual teve limites devido a inexistência de

dados organizados antes de 1997 (ou seja, houve uma limitação em função das fontes) e de registro dos convênios firmados antes do ano de 1997, no Arquivo Virtual da Universidade. A partir de 1997, foram implementados alguns sistemas e conseqüentemente as informações começaram a ser inseridas num banco de dados, o que permitiu a extração de grande parte das informações.

Outro problema enfrentado foi o extravio de documentos e processos de convênios antigos, que não foram localizados no Arquivo Geral da Universidade, deixando algumas lacunas na pesquisa, mas que não interferiram no resultado geral do trabalho.

Foram aplicados questionários por meio de formulários do Google aos estudantes estrangeiros e aos estudantes da Unioeste que participaram de programas de mobilidade, porém, houve um baixo retorno nas respostas. Com a compreensão de que a ausência do interesse em retornar, também é uma resposta, a qual inclusive poderia ter sido relacionada com os objetivos do Programa de Mobilidade, pois quando enviamos estudante para fora do país espera-se que no retorno ele possa contribuir para a melhoria da ciência, dos cursos e até dos processos institucionais. A ausência das respostas, conforme havia sido previsto, vai contra este princípio e conseqüentemente, prejudica esta, que é uma variável de extrema importância nos programas de internacionalização, ou seja, de que maneira o que foi aprendido no exterior irá colaborar no processo de formação do estudante que não participou de um Programa de Mobilidade estrangeira? O resultado desses dados é apresentado na dissertação e os modelos seguem como anexos desse trabalho.

Também foi possível contar com o auxílio de diversos servidores dos setores envolvidos, sendo possível realizar um levantamento de dados e um resgate histórico das atividades que permeiam o processo da internacionalização e que subsidiaram a pesquisa, construindo assim um mapa dessa atividade na Unioeste, durante o período proposto.

2 A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

Neste Capítulo, o objetivo é apresentar a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com um resgate histórico da sua implantação na região Oeste e Sudoeste do Paraná, em que também se destaca a sua importância e a relevância no contexto no qual está inserida. Cabe salientar a abrangência não só regional da Unioeste, mas também nacional e internacional, uma vez que está instalada em região próxima a fronteiras interestaduais e internacionais. Nesse sentido, também é apresentado o crescimento da Unioeste com o levantamento dos números de docentes e discentes.

Também nesse capítulo, foram levantadas as experiências mais relevantes da Unioeste com a internacionalização do ensino superior, no período delimitado pela pesquisa de 1996 a 2016 dentro das atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas na universidade. O período escolhido se deve a disponibilidade de dados que se encontram cadastrados em arquivos físicos e sistemas informatizados da Unioeste, embora os dados informatizados só tivessem tido início do registro em 1997, a pesquisa inicia-se a partir de 1996, com a análise de documentos e partindo da consolidação desta instituição como Universidade. Destacam-se aqui os números de discentes estrangeiros que ingressaram na Unioeste no período compreendido na pesquisa. Esse crescimento também revela a necessidade de qualificação docente, contribuindo para a melhoria dos três fatores indissociáveis na universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão, também inerentes ao processo de internacionalização. Para essa análise, também é apresentado o resultado de um questionário aplicado aos estudantes estrangeiros com situação cursando na Unioeste.

A pós-graduação da Unioeste também se destaca e na última década se observa um aumento expressivo no número de cursos, porém, para fins de pesquisa, esse item busca somente apresentar de maneira breve, em números o crescimento dos cursos de pós-graduação a fim de contextualizar a verticalização na universidade, pois, não se trata do objeto dessa pesquisa.

Em 1996, a Unioeste, possuía 61 cursos de *lato sensu* concluídos, com 2315 matrículas, com 348 alunos matriculados 1371 concluintes e outros 10 cursos em andamento, e nenhum curso de *stricto sensu*.

Somente em 1997, o *stricto sensu* iniciou a primeira turma de Mestrado da Unioeste, no curso de Engenharia Agrícola do *campus* de Cascavel. Naquele ano o curso contava com 16 alunos regulares e 15 alunos especiais.

De acordo com o Portal da Pró-Reitoria de Pós-Graduação:

Com a necessidade de verticalização do ensino iniciou-se com os primeiros mestrados: Engenharia Agrícola em 1997, Agronomia em 2001, Letras e Desenvolvimento Regional em 2003. Após nove anos iniciou-se a implantação dos primeiros doutorados, Engenharia Agrícola em 2006, Agronomia em 2009, Desenvolvimento Regional em 2010 e Letras em 2012. Atualmente, em funcionamento existem cerca de 30 programas de pós graduação *stricto sensu*, que ofertam cursos de mestrado e doutorado. Além de vários cursos *lato sensu* nas modalidades de especialização, residências, entre outros. Todos os cursos são gratuitos para os candidatos e vários também oferecem bolsas aos pós-graduandos, oriundas de agências de fomento federal e estadual. A incorporação do Hospital Regional à Unioeste em 2000, que foi denominado de Hospital Universitário do Oeste do Paraná (HUOP), propiciou o início o processo de implantação dos cursos residência, sendo criados os primeiros cursos em 2003, contemplando 05 especialidades da Residência Médica. (www.unioeste.br - Última Atualização: 08 Abril 2016)

Em 2016 a pós-graduação *lato sensu* ofertou 15 cursos de especialização com 511 alunos matriculados e 13 cursos de residências com 98 alunos matriculados.

Já na pós-graduação *stricto sensu*, foram ofertados 32 cursos de mestrado e 10 doutorados, totalizando 42 cursos e 1.353 alunos matriculados.

Não há dados suficientes ou registrados sobre o número de discentes estrangeiros nos cursos de pós-graduação da Unioeste devido à ausência de um sistema informatizado de registro e controle dessas informações. Em 2013 iniciou-se a implantação de um sistema de gestão acadêmica dos cursos de *Stricto Sensu* com o curso de Mestrado em Engenharia Agrícola do *campus* de Cascavel, em 2014, o sistema ampliou o atendimento aos cursos *Stricto* do *campus* de Cascavel e finalmente em 2015 o sistema passou a atender todos os cursos de mestrado e doutorado da Unioeste.

De acordo com Seabra e Santos, 2012, a mobilidade estudantil nos cursos de *Stricto Sensu* não requer muita exigência, sendo o modelo mais informal dessa modalidade, pois, o estudante só necessita do aceite na instituição de destino e a autorização da de origem, restringindo o compromisso da universidade que acolhe, ao campo pedagógico e científico, sem a necessidade da emissão de diploma ou outorga de grau.

2.1 Origem e Desenvolvimento da Unioeste

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, é uma instituição jovem e se trata de uma universidade de cunho regional, com característica multicampi, abrangendo um total de 95 municípios das regiões oeste e sudoeste do Paraná. Sendo 50 municípios na região oeste, a qual se destaca no cenário estadual e nacional pelos excelentes índices atingidos pela agricultura e pecuária e tem como principais cidades Cascavel, Foz do Iguaçu, Toledo e Marechal Cândido Rondon. E, também 45 municípios na região sudoeste do Estado do Paraná, região limitada a partir da margem esquerda do Rio Iguaçu que faz fronteira a Oeste com a Argentina e ao Sul com o Estado de Santa Catarina.

As regiões Oeste e Sudoeste estão situadas em áreas de fronteira, geopoliticamente ocupam posições estratégicas no conjunto de interesses econômicos e culturais do Estado do Paraná e do Brasil. Esta condição oferece novas perspectivas para relações e cooperações mais estreitas entre os países do Cone Sul.

Obteve o reconhecimento como Universidade por meio da Portaria Ministerial nº 1784-A, de 23 de dezembro de 1994, e do Parecer do Conselho Estadual de Educação nº 137/94.

Resultante de uma identidade sociocultural, econômica e histórica, originou-se inicialmente da congregação de faculdades municipais isoladas, criadas em Cascavel (FECIVEL, 1972), em Foz do Iguaçu (FACISA, 1979), em Marechal Cândido Rondon (FACIMAR, 1980) e em Toledo (FACITOL, 1980). Por meio da Lei Estadual nº 12.235/98 de 24/07/1998, foi autorizada a incorporação da FACIBEL à Unioeste e o Decreto Estadual 995/99 instituiu o *Campus* de Francisco Beltrão. E, em dezembro de 2000, ocorre transformação de Hospital Regional de Cascavel em Hospital Universitário do Oeste do Paraná – HOUP e a transferência deste para a Unioeste, por meio da Lei 13.029/2000, de 27 de dezembro de 2000 dando suporte às atividades dos cursos de medicina, enfermagem, farmácia, fisioterapia e odontologia.

Conforme previsto na Resolução nº 114/2007 do COU, A Unioeste tem como missão, enquanto instituição pública, multicampi: produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, contribuindo com o desenvolvimento humano, científico, tecnológico e regional, comprometendo-se com a justiça, a democracia, a cidadania e a responsabilidade social (COU, 2007).

A visão da instituição, de acordo com (COU, 2007), se pauta em:

“ser reconhecida como uma universidade pública, de referência na produção e socialização do conhecimento, comprometida com a formação de profissionais para atuar com base em princípios éticos para o exercício da cidadania.”

Partindo do pressuposto da finalidade da Universidade em produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, é que buscou-se o levantamento das atividades que compõem a internacionalização, compreendendo que o conhecimento é um processo contínuo, amplo e universal. Não pertence a ninguém, nem a uma nação ou a uma instituição e é nesse sentido que se destaca a internacionalização, como a socialização do conhecimento, na construção de um mundo mais cooperativo.

2.2 A Unioeste em números

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) ofereceu em 2016, 65 turmas em 40 cursos de graduação, distribuídos nos 05 *Campi*, localizados nos municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Marechal Cândido Rondon e Toledo. Além de 50 programas de pós-graduação *stricto sensu*, sendo 30 mestrados acadêmicos, 2 mestrados profissionais e 10 cursos de doutorado. Além desses, a universidade desenvolve cursos de especialização *lato sensu*, voltados a partir das demandas da região e também projetos de extensão que atendem toda a comunidade do entorno dos diferentes *campi* da Universidade.

2.3 Docentes

É possível observar o crescimento de 36% do quadro de docentes da Unioeste, comparando o número de docentes temporários e efetivos num período de 20 anos, de 1996 a 2016. Aqui, fez-se uma comparação dos números em dois intervalos de 10 anos (1996-2006 e 2006-2016) a fim de melhor apresentar esse crescimento.

Tabela 01 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 1996

Titulação	Efetivos	Temporários	Total
Graduado			102
Especialista			165
Mestrando			65
Mestre e Doutorando			138
Doutor			8
Total	364	114	478

* Na tabela não estão discriminadas as titulações de docentes temporários e efetivo – não foi feito o registro na época e não foi possível estabelecer um quantitativo real de Titulação, pois o Boletim de Dados possui lançamentos duplicados.

Fonte: Boletim de dados 1996 (Pro-Reitoria de Planejamento – PROPLAN)

Em 2006, a Unioeste teve um aumento de 54% no seu quadro de docentes efetivos e temporários, com relação ao ano de 1996, entretanto, é possível observar uma diminuição no número de docentes com baixa titulação e um aumento significativo no número de doutores e pós-doutores.

Outro destaque é no total de docentes efetivos, que praticamente triplicou com relação ao quadro de docentes em 1996. Ao contrário do que ocorreu com o número de docentes temporários que demonstrou um pequeno acréscimo.

Esse aumento, nesse período, se deve principalmente à criação do *Campus* de Francisco Beltrão 1998 e também à incorporação do Hospital Universitário à Unioeste em 2000.

Tabela 02 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 2006

Titulação	Efetivos	Temporários	Total
Graduado	21	42	63
Especialista	145	56	201
Mestrado	448	47	495
Doutorado	280	5	285
Pós-Doutorado	10	1	11
Total	904	151	1055

Fonte: Boletim de dados 2006 (Pro-Reitoria de Planejamento – PROPLAN)

Em seu quadro docente, destacando-se entre as maiores Universidades do país, a Unioeste contou em 2016 com 1344 docentes, entre efetivos e temporários. É possível observar, nesse período, que o maior número de docentes possui nível de Doutorado, principalmente no quadro efetivo

Tabela 03 – Total de Docentes Efetivos e Temporários com Titulação em 2016

Titulação	Efetivos	Temporários	Total
Graduado	3	12	15
Especialista	72	63	135
Mestre	284	151	435
Doutor	653	49	702
Pós-Doutor	57	0	57
Total	1069	275	1.344

Fonte: Boletim de dados 2016 (Pro-Reitoria de Planejamento – PROPLAN)

Esse crescimento no quadro docente e na titulação docente, também foram influenciados pela verticalização do ensino, em que a qualificação constante é prerrogativa para a manutenção da qualidade dos cursos de pós-graduação. Embora a qualificação exija o afastamento do docente das suas atividades, para dedicar-se à pesquisa, esse requisito não se reflete nos afastamentos de docentes para qualificação no exterior, como veremos a seguir.

2.4 Relação do número de afastamento de docentes para Pós-Graduação no Brasil x Pós-Graduação no Exterior

A partir de 1996 e com um plano de ampliação e qualificação dos cursos de graduação e a necessidade de expansão na oferta de cursos de Pós-graduação, a qualificação docente tornou-se uma necessidade urgente.

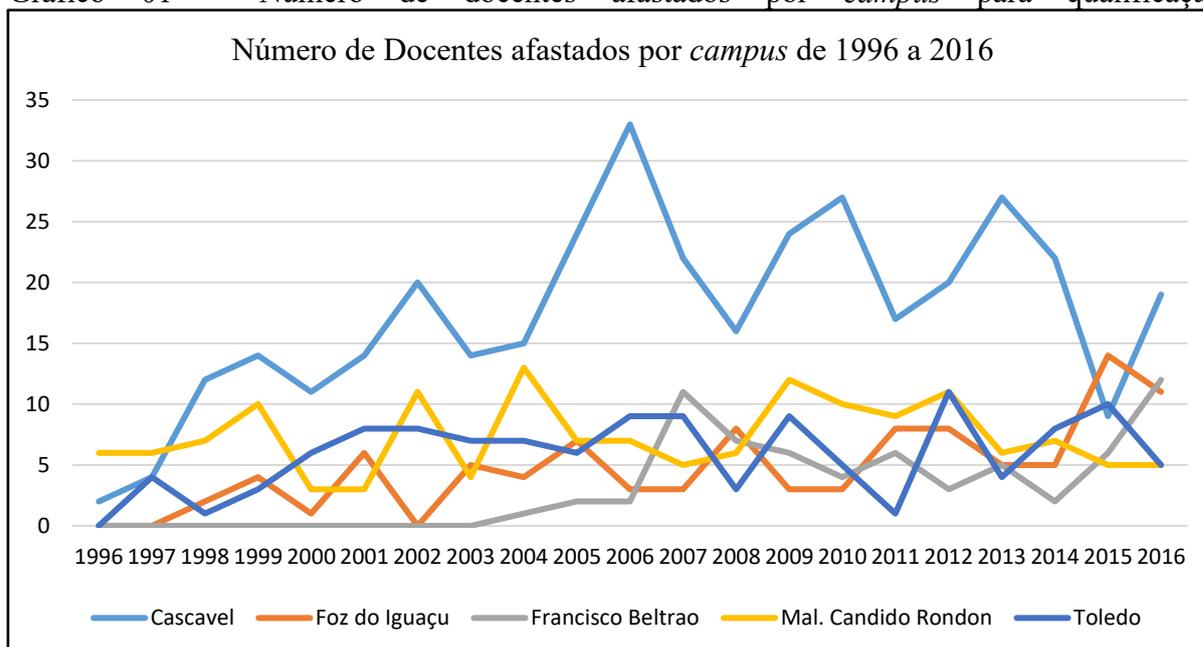
Na tabela abaixo é possível verificar a quantidade de defesas docentes no período de 1996 a 2016, por *campus*, que requereram afastamento formalmente junto à Unioeste.

Tabela 04 – Total de afastamento docente para qualificação de 1996 a 2016

Ano da defesa	Cascavel	Foz do Iguaçu	Francisco Beltrao	Mal. Candido Rondon	Toledo	Total
1996	2	0	-	6	0	8
1997	4	0	-	6	4	14
1998	12	2	-	7	1	22
1999	14	4	-	10	3	31
2000	11	1	-	3	6	21
2001	14	6	-	3	8	31
2002	20	0	-	11	8	39
2003	14	5	-	4	7	30
2004	15	4	1	13	7	40
2005	24	7	2	7	6	46
2006	33	3	2	7	9	54
2007	22	3	11	5	9	50
2008	16	8	7	6	3	40
2009	24	3	6	12	9	54
2010	27	3	4	10	5	49
2011	17	8	6	9	1	41
2012	20	8	3	11	11	53
2013	27	5	5	6	4	47
2014	22	5	2	7	8	44
2015	9	14	6	5	10	44
2016	19	11	12	5	5	52
Total	366	100	67	153	124	810

Fonte: Pró-reitoria de Pós-graduação.

No gráfico a seguir, se observa um aumento dos afastamentos a partir do ano de 2005, principalmente no *campus* de Cascavel. Esse número se dá também pela quantidade de cursos de graduação e do aumento dos cursos de pós-graduação no referido *campus*.

Gráfico 01 – Número de docentes afastados por *campus* para qualificação

Fonte: Pró-reitoria de Pós-graduação

Dos 810 docentes afastados para qualificação nesses 20 anos de 1996 a 2016, 54 docentes solicitaram afastamento para instituições estrangeiras de ensino superior, o equivalente a somente 6,7% do total de docentes afastados no período.

Tabela 05 – Afastamento docente para qualificação no exterior de 1996 a 2016

Tipos de afastamento	Pós-		Total por <i>campus</i>
	doutorado	Doutorado	
Cascavel	13	3	16
Foz do Iguaçu	3	2	5
Francisco Beltrao	3	-	3
Mal.C.Rondon	13	4	17
Toledo	8	2	10
Total	43	11	54

Fonte: Pró-Reitoria de Pós-graduação

Esse número de afastamentos, revela também a importância da qualificação do corpo docente como um incremento na qualidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como relação entre o aumento do número de estudantes nos cursos de graduação, como veremos a seguir.

2.5 Discentes da graduação

Em 1996, a Unioeste contava somente com 4 *campi*, um total de 29 cursos e 1160 vagas iniciais nos cursos de graduação. Naquele ano a Unioeste possuía 4721 estudantes matriculados nos cursos de Graduação.

Tabela 06 – número cursos x alunos matriculados x vagas no vestibular em 1996

<i>Campus</i>	Total de cursos de graduação	Total de vagas no Vestibular	Total de alunos Matriculados
Cascavel	13	440	1717
Foz do Iguaçu	05	200	1015
Marechal Candido Rondon	06	280	1055
Toledo	05	240	
Total	29	1160	4721

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Em 20 anos esses números mais que dobraram: Atualmente, a Unioeste que conta com um *campus* a mais, o de Francisco Beltrão, 65 cursos e um total de vagas iniciais de 2456 vagas, divididas em dois processos Seletivos, o Vestibular e o SiSU.

Atualmente, o ingresso nas vagas iniciais dos cursos de Graduação se dá por meio de dois processos seletivos: pelo Vestibular próprio e por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), nos quais são distribuídas as 2456 vagas e divididas em cinquenta por cento para cada processo, e conta ainda com reserva de vagas para estudantes oriundos de escola pública, também na proporção de cinquenta por cento em cada processo.

Além desses dois processos seletivos, a Unioeste admite estudantes por meio do Vestibular dos Povos Indígenas e estudantes estrangeiros para cursar a graduação por meio do Programa Estudantes Convênio-Graduação - PEC-G.

A partir do ano de 2014, a Unioeste aderiu ao Sistema de Seleção Unificada, o SISU, com 50% das vagas iniciais dos cursos de graduação. Esse sistema realiza uma classificação dos estudantes inscritos, por meio da nota do ENEM, mediante critérios estabelecidos pelo sistema e pelas Instituições participantes.

Tabela 07 – número cursos x alunos matriculados x vagas no vestibular e Sisu em 2016

<i>Campus</i>	Total de cursos de graduação	Total de vagas no Vestibular	Total de vagas no SISU	Total de alunos Matriculados
Cascavel	19	716	716	3072
Foz do Iguaçu	13	488	488	1843
Francisco Beltrão	10	428	428	1332
Marechal Cândido Rondon	13	428	428	1501
Toledo	10	396	396	1260
Total	65	1228	1228	9008

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

2.6 Estudantes estrangeiros nos cursos de graduação da Unioeste

Assim como a universidade, a participação de estudantes estrangeiros nos cursos de graduação da Unioeste também sofreu um crescimento nesses vinte anos. Observamos que nos anos de 2013 a 2016, houve um aumento no número de ingressantes nos cursos de graduação que possuem nacionalidade estrangeira.

Tabela 08 - Total de Estrangeiros por Ano de ingresso - 96 a 2016 (por campus)

Ano letivo de ingresso	Cascavel	Foz	Francisco Beltrão	Marechal Cândido Rondon	Toledo	Total
1996	0	1				1
1997	2	2				4
1998	1	2		1		4
1999	1	2				3
2000	1	1			1	3
2001	1	3		1	1	6
2002	1	4				5
2003	2	9	1			12
2004	1	6		1	1	9
2005	2	5			1	8
2006	1	7		1		9
2007	1		1	1		3
2008	1	3		2		6
2009	1	2		2	1	6
2010	1	6		2		9
2011	1	2				3
2012	0	5			3	8
2013	10	7			1	18
2014	10	2	2	3		17
2015	7	2	1	1	2	13
2016	2	6	1	1		10
Total	47	77	6	16	11	157

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Na tabela abaixo, é possível observar que o Vestibular é a maior opção de ingresso aos cursos de graduação da Unioeste, sendo que de 1996 a 2016 essa forma de ingresso contou com 120 estudantes estrangeiros. Seguidos do PEC-G com 9 estudantes e de outras Mobilidades também com 9 estudantes. Por outras formas de ingresso totalizaram 19 estudantes.

Tabela 09 - Forma de ingresso de estudantes estrangeiros e total por *campus* 1996 a 2016

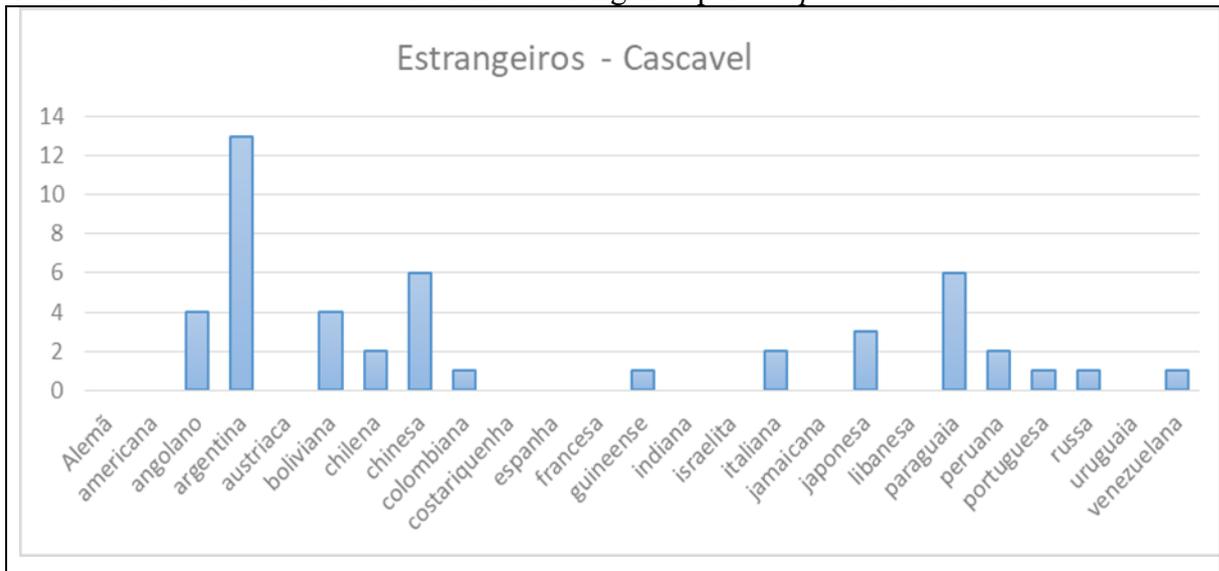
Forma de ingresso	Cascavel	Foz	FBE	MCR	TOO	Total
Vestibular	30	68	2	11	9	120
Diplomado	2	2	--	--	--	4
Sisu	2	3	1	--	--	6
Mobilidades	7	--	--	2	--	9
Pec-g	4	1	3	--	1	9
Transferência	2	1	--	--	--	3
Aluno especial	--	2	--	3	1	6
Total	47	77	6	16	11	157

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Outro aspecto importante a ressaltar é a nacionalidade dos estudantes estrangeiros que ingressaram nos cursos de graduação da Unioeste. Dos 157 estudantes estrangeiros que já ingressaram na Unioeste, 43 são de nacionalidade paraguaia, 28 de argentina, 23 de chinesa, 13 de boliviana e outros 50 estudantes de outras nacionalidades. Excetuando os de nacionalidade chinesa, 84 estudantes são oriundos de países da América do Sul, principalmente de países fronteiriços com o Brasil.

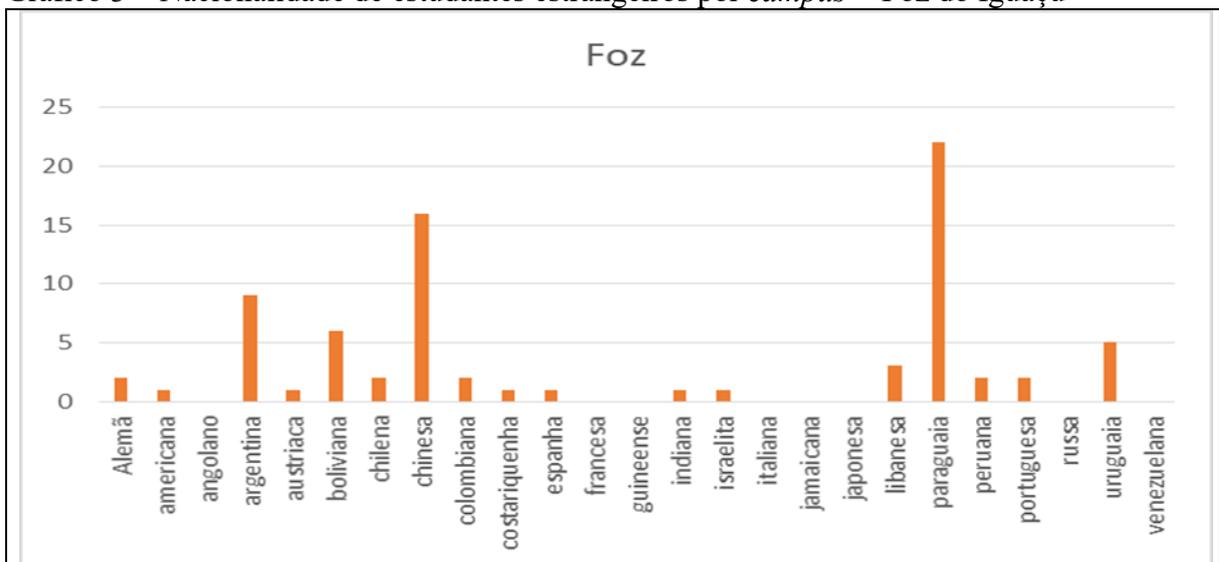
Essa relação se reflete no número de estudantes estrangeiros no *campus* de Foz do Iguaçu: 77 no total, quase 50% do número total, seguidos por Cascavel com 47 e Marechal Candido Rondon com 16. Francisco Beltrão e Toledo, contaram com 6 e 11 estudantes de nacionalidade estrangeira, respectivamente.

A seguir, estão discriminadas as nacionalidades dos estudantes estrangeiros por *campus*, durante o período compreendido de 1996 a 2016.

Gráfico 2 – Nacionalidade de estudantes estrangeiros por *campus* - Cascavel

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

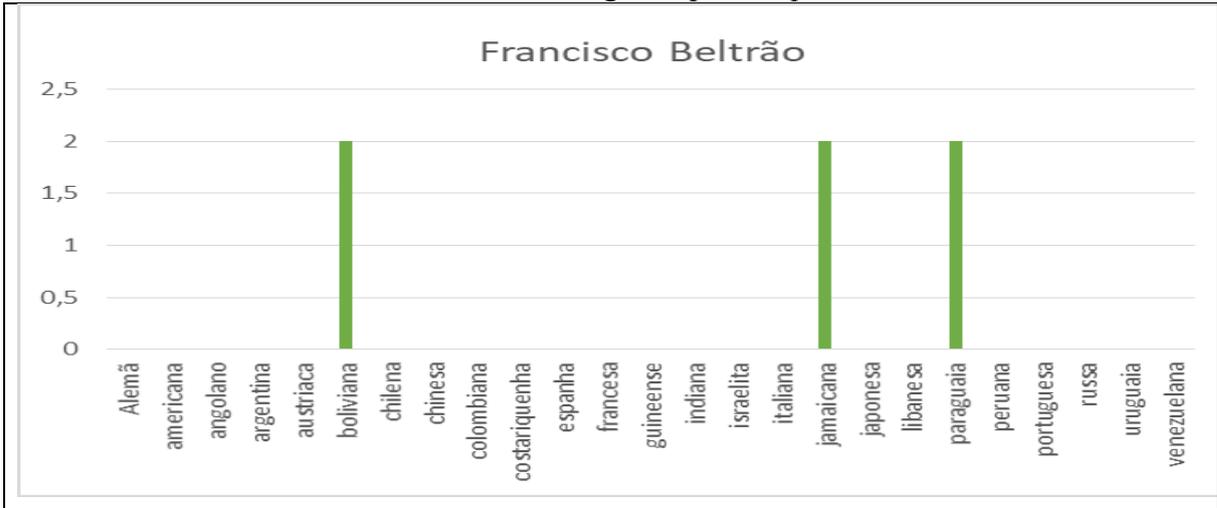
No *campus* de Cascavel, observa-se um maior número de estudantes argentinos, oriundos do programa de Mobilidade do Sistema Arcu-sul. Os estudantes cursaram por seis meses disciplinas no curso de Enfermagem, o qual possui acreditação no Sistema Arcu-sul. Seguidos pelos estudantes paraguaios e chineses, assim como no *campus* de Foz do Iguaçu. Também destacam-se que grande parte do restante da nacionalidade dos estudantes são oriundos de países da América do Sul: boliviana, chilena, peruana e venezuelana. O número de estudantes angolanos se destaca pelos estudantes oriundos do Programa de Mobilidade PEC-G.

Gráfico 3 – Nacionalidade de estudantes estrangeiros por *campus* - Foz do Iguaçu

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

No *campus* de Foz do Iguaçu se observa a maior concentração de estudantes estrangeiros na União. O maior número é de estudantes paraguaios, seguidos pelos de origem chinesa e pelos argentinos. Ressalta-se aqui que na Cidade de Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este no Paraguai, existe uma grande concentração de imigrantes chineses que vivem do comércio internacional na região.

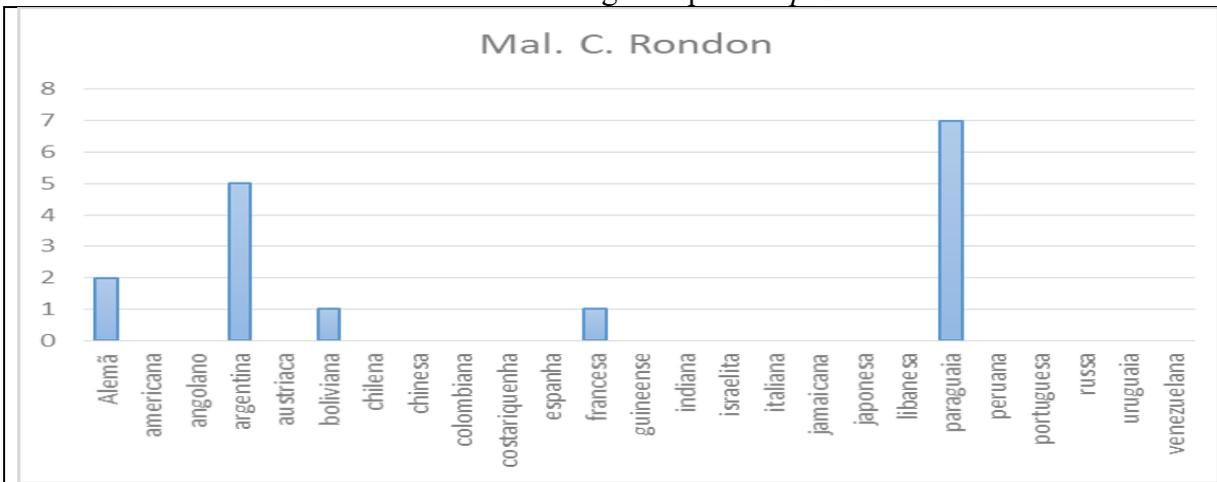
Gráfico 4 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por *campus* - Francisco Beltrão



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

No *campus* de Francisco Beltrão, embora a localização geográfica seja próxima da Argentina, a incidência de estudantes paraguaios também se destaca e dos seis estudantes estrangeiros, três são oriundos do PEC-G.

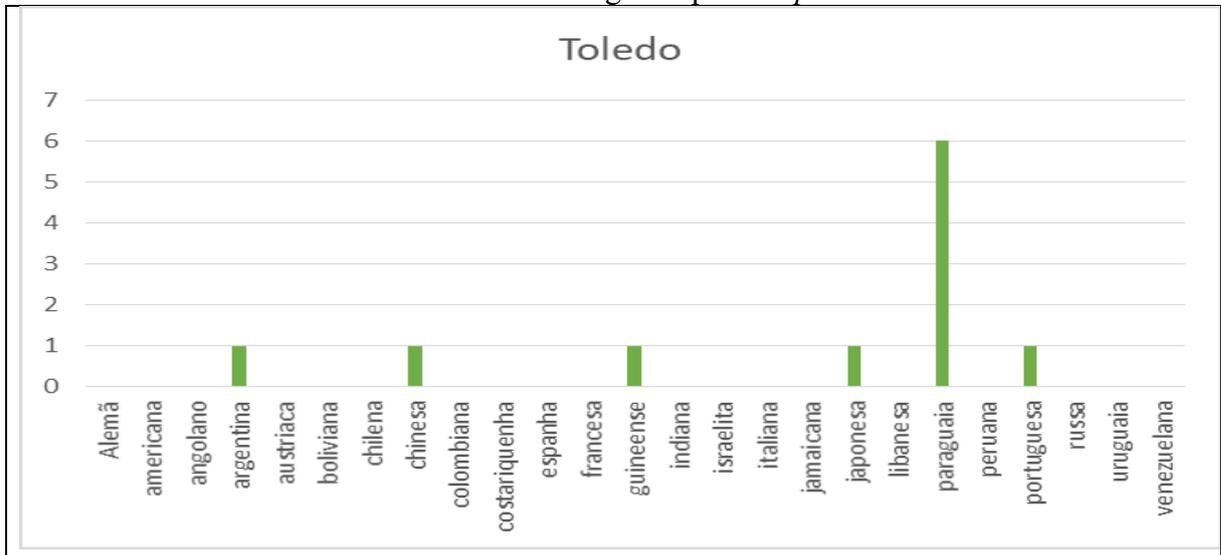
Gráfico 5 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por *campus* - Marechal Candido Rondon



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

No *campus* de Marechal Candido Rondon, também predomina a presença de estudantes paraguaios, seguidos de estudantes de nacionalidade argentina e alemã.

Gráfico 6 - Nacionalidade de estudantes estrangeiros por *campus* - Toledo



Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Em Toledo, a quantidade de estudantes estrangeiros é menor do que nos outros *campi*, entretanto, a predominância também é de estudantes paraguaios.

Na distribuição desses estrangeiros por cursos e *campus*, podemos observar a tabela abaixo:

Tabela 10 - Estrangeiros por curso e *campus*

Curso	Cascavel	Foz	FBE	MCR	TOO	Total
Administração	3	6				9
Agronomia				6		6
Ciencia da computação	8	17				25
Ciencias bio BA	5					5
Ciencias bio LP	2					2
Ciências contábeis	2	3		2		7
Ciências sociais					2	2
Direito				1		1
Ed. Física				1		1
Engenharia Elétrica		10				10
Enfermagem	8	4				12
Engenharia de pesca					1	1
Engenharia química					3	3
Farmacia	1					1
Filosofia					1	1
Fisioterapia	3					3
Geografia BA			1			1
Geografia LP			1	1		2
História				2		2
Hotelaria		7				7
Letras	8	11		2		21
Matematica	4	5				9
Engenharia mecanica		2				2
Medicina			3			3
Odontologia	1					1
Pedagogia	1	2	1			4
Pedagogia do Campo	1					1
Química					2	2
Secretariado Executivo					1	1
Bílingue					1	1
Serviço social					1	1
Turismo		10				10
Zootecnia				1		1
Total	47	77	6	16	11	157

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Após a análise dos dados de estudantes estrangeiros, se observa que na escolha de cursos, a preferencia se dá naqueles da área de exatas, seguidos dos cursos da área da saúde e dos de letras, com grande concentração no *campus* de Foz, o qual conta com o maior numero de estrangeiros, seguido por Cascavel e por Marechal Candido Rondon.

Embora a Unioeste se encontre em uma região estratégica, próxima à tríplice fronteira, no caso do *campus* de Foz do Iguaçu, após a análise desses dados, se observa que o sucesso dos estudantes estrangeiros não corresponde ao ingresso.

Para a análise dos dados, com a finalidade de compreender a evasão de estudantes de nacionalidade estrangeira nos cursos de graduação, se optou pela junção das

situações de matrícula cancelada, aquela que é cancelada pelo próprio estudante e a situação de Cancelado por Abandono, a qual o estudante evade-se da Instituição sem formalizar o pedido.

No caso dos estudantes em Mobilidade, se trata de estudantes que ingressaram por meio de programas destinados a esse fim e retornaram à suas instituições estrangeiras de origem.

Tabela 11 - Situação atual dos estudantes estrangeiros

Situação atual	Cascavel	Foz	FBE	MCR	TOO	Total
Evasão	17	33	5	10	6	71
Cursando	11	9	1	--	2	23
Formado	10	35	--	--	3	48
Mobilidades	6	--	--	5	--	11
Transferido	3	--	--	1	--	4
Total	47	77	6	16	11	157

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Considerando o número de estudantes estrangeiros que conseguem concluir o curso de graduação, esse total corresponde a aproximadamente 30% dos ingressantes. Do total de ingressantes, mais de 47% se evadem da Unioeste, seja por desistência ou por transferência para outra IES, e apenas 15% encontram-se com a situação cursando.

2.7 Programa Estudante Convênio – Graduação (PEC-G)

Em 2007, o Conselho Universitário da Unioeste, o COU, aprovou a participação da Unioeste, no Programa Estudante Convênio – Graduação, o PEC-G, do Ministério das Relações Exteriores em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, que visa trazer estudantes de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil mantém relações, para cursarem uma graduação. Os estudantes devem atender a critérios estabelecidos e retornarem ao seu país de origem após a conclusão do curso no Brasil, a fim de contribuírem para o desenvolvimento de seus países de origem.

O Programa possui mais de 50 anos de existência e já trouxe para a Unioeste, até o ano de 2016, 9 estudantes, desde 2007, quando o então Reitor, professor Alcibiades Luiz Orlando assinou o convênio.

Tabela 12 – Estudantes PEC-G

<i>Campus</i>	Ano de ingresso	Situação atual	Nacionalidade
Foz do Iguaçu	2011	Cancelado por Abandono	Indiana
Toledo	2012	Cursando	Guineense
Cascavel	2013	Transferido para outra IES	Angolano
Cascavel	2013	Transferido para outra IES	Angolano
Cascavel	2013	Transferido para outra IES	Angolano
Cascavel	2014	Cursando	Angolano
Francisco Beltrão	2014	Cursando	Paraguaia
Francisco Beltrão	2015	Cancelado	Jamaicana
Francisco Beltrão	2016	Cancelado	Jamaicana

Fonte: Pró-Reitoria de Graduação – Academus Acesso em 15/02/2017

Dos 9 estudantes que ingressaram por meio do Programa, 5 são de origem africana, 2 de jamaicanas, 1 de indiana e 1 de origem paraguaia. Somente 3 continuam cursando, 3 foram transferidos para outras IES participantes do programa e os outros 3 cancelaram suas matrículas, desistindo dos cursos nos quais estavam matriculados. Até o momento, nenhum estudante oriundo do PEC-G concluiu um curso na Unioeste.

Um detalhe importante a respeito do referido programa, é que o estudante estrangeiro que se dispõe a estudar numa instituição brasileira, deve arcar com todas as despesas e isso deve ser comprovado por meio de declaração de condições financeiras. Em grande parte, a família do estudante é quem arca com as despesas de moradia, alimentação e transporte, uma vez que o estudante não pode ter vínculo empregatício no Brasil, embora possa participar de programas de bolsas e assistência estudantil.

2.8 Estudantes de outros Programas de Mobilidade Estudantil – Arcu-sul

De acordo com o site do Ministério da Educação – MEC, o ARCU-SUL se trata do Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação dos países do MERCOSUL. Ele é o resultado de um acordo entre os Ministérios de Educação da Argentina, do Brasil, do

Paraguai, do Uruguai, da Bolívia e também do Chile. Esse acordo foi homologado pelo Conselho do Mercado Comum do MERCOSUL, por meio da Decisão CMC nº 17/08. O sistema oferece garantia pública, entre os países do Mercosul, da qualidade acadêmica e científica dos cursos, por meio da execução da avaliação e acreditação de cursos universitários. É gerenciado pela Rede de Agências Nacionais de Acreditação, no âmbito do Setor Educacional do MERCOSUL.

Em 2012 a Unioeste recebeu o convite para participar do Edital de avaliação dos cursos de Enfermagem e Agronomia para o Arcu-sul. Os cursos de Enfermagem do *campus* de Cascavel e de Agronomia de Marechal Candido Rondon, participaram de todas as etapas previstas e foram contemplados com a Acreditação desses cursos.

Os cursos receberam 10 estudantes da Argentina, sendo 6 no curso de Enfermagem e 4 no curso de Agronomia, que vieram cursar disciplinas específicas num período de 6 meses.

2.9 Questionário aplicado aos estudantes estrangeiros

Durante o período da pesquisa foi enviado, via e-mail, aos 47 estudantes de nacionalidade estrangeira, com situação cursando nos cursos de graduação da Unioeste, um questionário por meio do formulário do Google com 12 perguntas, conforme Anexo II, a fim de se identificar as características sócioeducacionais que trouxeram esses estudantes até a Unioeste e quais os problemas que eles enfrentaram para manterem-se no curso.

Do total enviado, 10 estudantes responderam às questões e na sequência serão apresentadas as respostas mais relevantes.

Quanto à nacionalidade dos estudantes respondentes e os cursos que frequentam: 5 são do Paraguai (sendo 1 de Ciências Contábeis em Foz do Iguaçu, 1 de Engenharia Elétrica em Foz do Iguaçu, 1 de Pedagogia para Educadores do Campo em Cascavel, 1 de Matemática em Foz do Iguaçu e 1 de Medicina em Francisco Beltrão), 2 do Perú (1 de Hotelaria em Foz do Iguaçu e 1 de Medicina em Francisco Beltrão), 1 da Angola (Enfermagem em Cascavel), 1 de Guiné Bissau (Serviço Social em Toledo) e 1 da Argentina (Fisioterapia em Cascavel). Desses, somente 1 paraguaio mora em Ciudad del Leste e se desloca para o Brasil todos os dias, 1 paraguaio já morava no Brasil há anos e os outros 8 estudantes moram no Brasil para estudar na Unioeste.

Tabela 13 - Quanto à nacionalidade dos estudantes respondentes e os cursos que frequentam:

País de Origem	Quantidade	Curso	Campus
	1	Ciências Contábeis	Foz do Iguaçu
	1	Engenharia Elétrica	Foz do Iguaçu
Paraguai	1	Pedagogia	Foz do Iguaçu
	1	Matemática	Foz do Iguaçu
	1	Medicina	Francisco Beltrão
Peru	1	Hotelaria	Foz do Iguaçu
	1	Medicina	Francisco Beltrão
Angola	1	Enfermagem	Cascavel
Guine Bissau	1	Serviço Social	Toledo
Argentina	1	Fisioterapia	Cascavel

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados no questionário.

Título da pergunta: Você participou de processo seletivo para ingressar na Unioeste? Número de respostas: 10 respostas, sendo 4 ingressantes por meio do Vestibular, 4 ingressantes por meio do PEC-G, 1 por meio do SISU e 1 por meio do PROVARE.

Título da pergunta: Você possuía a proficiência na língua Portuguesa? Número de respostas: 10 respostas. 7 afirmaram ter proficiência, 1 afirmou não ter a proficiência em Língua Portuguesa, 1 não respondeu e 1 afirmou ter feito curso de nivelamento quando chegou aqui. Cabe ressaltar que desses 10 estudantes, dois são de países Lusófonos, e o restante, de países que falam o espanhol e desses, somente a estudante da Argentina precisou fazer curso de nivelamento.

Título da pergunta: Qual a maior barreira que você enfrentou ou enfrenta nessa experiência? Número de respostas: 10 respostas, abaixo transcritas:

1 - exclusão social

2 - nenhuma

3 - transporte

4 - devido a crescer no Brasil, nenhuma dificuldade comparado aos estrangeiros que vem de fora do país

5 - os documentos precisados para fazer o curso

6 - discriminação por ser estrangeira é raciais, porém isso não foi com a maioria das pessoas que eu me relacionei, na grande maioria dos brasileiros fui muito bem

recebida, e tratada com muito respeito e dignidade, fiz muitos amigos e adquiri muito conhecimento sobre a cultura brasileira, porem tive algumas experiencias traumáticas com tratamentos discriminatórios que recebi por parte de uma minoria, porem com ajuda de amigos e do pee-programa institucional da unioeste, através de apoio psicológico, pude superar os traumas ocorridos, com esse conflito. tive também dificuldades culturais, porem superadas com o passar do tempo é saudades da minha família.

7 - viver no brasil afastado de meus melhores amigos, e a dificuldade de fazer novos amigos em foz.

8 - a ausencia dos meus familiares, principalmente da mãe e do pai. pois muitas vezes eu tenho me sentido so. sinto falta do amor familiar e isso as vezes tem me dificultado no aprendizado, mas pela força de vontade e querer estou conseguindo cursar e atingir as metas desejadas.

9 - saudade da família adaptação a nova cultura

10 - o distanciamento com a familia, amigos, etc.

Aqui se observa que nas respostas 1, 6, 7, 8, 9 e 10, ou seja 60% referem-se a dificuldades interpessoais de relacionamento, adaptação ou a distância da família ou amigos, possuem um caráter comportamental ou emocional. Somente 1 estudante relatou dificuldades com o transporte sugerindo um caráter financeiro, 1 estudante teve dificuldades com a documentação e 2 não tiveram nenhuma dificuldade.

Título da pergunta: Qual o motivo que o levou a escolher a Unioeste?

Número de respostas: 10 respostas, abaixo transcritas:

1 - as oportunidades de estágio fazendo curso de graduação

2 - Ensino de qualidade.

3 - Perto da Fronteira

4 - por ser uma boa universidade e sua qualidade de ensino

5 - pelas referencias na fronteira

6 - o fato de que na unioeste ter o curso que eu desejava fazer.

7 - É segundo o ranking de universidades melhor que todas as do Paraguay e a melhor de Foz.

8 - Transferencia de curso, e apareceu uma oportunidade de vaga no curso que eu queria.

9 - Fui transferida. Segurança da cidade

10 - Fui selecionada na Unioeste

Diante das respostas dos estudantes estrangeiros à pesquisa, que possuem situação cursando, observa-se que a grande maioria são estudantes de países latino americanos, em grande parte do Paraguai (50%), o que corrobora com a análise dos dados dos estudantes estrangeiros durante o período discriminado para a pesquisa, de 1996 a 2016. Observa-se também que embora sejam de nacionalidade estrangeira, alguns já moram no Brasil ou moram na fronteira e que os que tiverem maiores dificuldades no Brasil, foram os que moram em países mais distantes e sentem a ausência da família e de amigos.

Não foram relatadas dificuldades de adaptação pedagógica ou dificuldades de permanência, portanto, não há como mensurar esses parâmetros.

2.10 Considerações do capítulo

Neste capítulo, foi possível observar o crescimento da Unioeste no período compreendido para a pesquisa e também a presença de alguns aspectos da internacionalização como a qualificação docente no exterior, estudantes estrangeiros e programas de Mobilidade Acadêmica Estudantil que também contribuíram para a presença desses estudantes na universidade. E, que embora se constate presença de estudantes estrangeiros nos cursos de graduação, dos diversos *campi* da Unioeste, no período compreendido na pesquisa o maior número ingressou por meio dos processos seletivos regulares: aproximadamente 76% de ingressantes por meio do Vestibular, Sisu e Portadores de Diploma e somente 11% ingressaram por meio de Programas de Mobilidade ou PEC-G.

Também destaca-se que não há na Pós-graduação, um registro formal de ingresso de estudantes estrangeiros para cursos de *Stricto Sensu*.

Observa-se também uma preocupação com a ampliação dos cursos de graduação e com a verticalização do ensino, que gerou um aumento no número de docentes e de afastamentos destes para qualificação.

É possível constatar, também que não houve durante o período analisado uma política institucional de captação de estudantes estrangeiros ou de assistência estudantil visando a permanência dos mesmos, o que pode ter ocasionado o alto número de evasão desses discentes; que o maior número de estudantes estrangeiros são de países fronteiriços à região Oeste e Sudoeste (no caso dos Paraguaiois) ou de colônias de estrangeiros situadas em cidades

que possuem *campus* da Unioeste, (como o elevado numero de chineses em Foz) e que a Mobilidade se deu somente no envio de estudantes da Unioeste, para instituições estrangeiras.

Devido à uma ausência de política de recepção e de permanência de estudantes estrangeiros na instituição, bem como por falta de um Programa de Mobilidade próprio da Unioeste, ou do Governo, como o Ciência sem Fronteira, que subsidie a estada do estudante no Brasil, caracteriza-se portanto, uma passividade da Unioeste com relação à Mobilidade Acadêmica Estudantil.

3 AS EXPERIÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIOESTE

Neste Capítulo, se pretende apresentar as atividades formais de cunho de educação internacional, que geraram alguma experiência à Unioeste, nesse processo. Foram analisados os convênios firmados com instituições de ensino superior.

Também se analisou o contexto em que foram aprovadas as Resoluções que norteiam o processo de internacionalização na Unioeste, como a que regulamenta a Mobilidade Acadêmica Internacional, por exemplo, que surgiu diante da necessidade de um discente participar do Programa Ciência sem Fronteiras, em 2011.

Para se avaliar esse contexto, foi aplicado um questionário com 20 perguntas, que foram enviadas por meio de formulário do Google, aos 119 discentes que participaram dos Programas de Mobilidade realizados no período compreendido na pesquisa.

As experiências de docentes e discentes que não foram comunicadas formalmente à Unioeste, não foram computadas nessa pesquisa, por não possuírem registro e se tratarem de interesse pessoal dos interessados.

Assim como demonstrado nos dados do primeiro capítulo, observa-se que a partir de 1997, conforme previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional, houve uma grande preocupação da Unioeste em qualificar os docentes efetivos, horizontalizar e verticalizar o ensino, ou seja, em ampliar a oferta de cursos de graduação e Pós-Graduação, deixando atividades importantes como a internacionalização em segundo plano.

Outras ações entre a Unioeste e outras IES internacionais, ocorreram por meio de atividades isoladas ou iniciativas de cursos e docentes e não por meio de uma política Institucional de internacionalização, devido a ausência da mesma.

3.1 Resoluções internas e iniciativas formais de regularização de internacionalização na Unioeste

Enquanto instituições de ensino superior, as Universidades gozam da prerrogativa de Autonomia, conforme prevê a Constituição Federal de 1988: “*As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*”.

Neste sentido, a Unioeste estabelece suas diretrizes e regulamentações dentro do poder que lhe é outorgado pelo estado, a fim de dar organização à administração, em que

todas as ações são apreciadas e aprovadas por instâncias colegiadas, tendo como órgãos máximos, os conselhos compostos por representantes de todos os segmentos da comunidade acadêmica: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE e o Conselho Universitário - COU e obedecendo a legislação federal e estadual.

A organização da Universidade com seus princípios e fins está estabelecida no Estatuto da Unioeste, aprovado pela Resolução nº017/1999. No documento a menção à algum tipo de atividade de internacionalização está previsto numa das finalidades da Universidade, prevista no art. 4º:

VII: promover o intercâmbio e o desenvolvimento dos povos, respeitando suas especificidades culturais, e também no seu inciso

VIII: cooperar e manter intercâmbio com instituições científicas, culturais, educacionais e outras; (COU, 1999)

O Regimento Geral da Unioeste é o documento regulador da organização universitária, a diretriz maior de funcionamento dos órgãos e serviços da Universidade. nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e nos planos administrativo e disciplinar. Em 02/04/2003, um novo Regimento Geral da Unioeste é aprovado por meio da Resolução nº 028/2003-COU, revogando o Regimento Geral da Unioeste aprovado pelo Decreto nº 4429, de 23 de dezembro de 1994, e posteriormente alterado pela Resolução nº 069/2004-COU e recentemente, pela Resolução nº 076/2015-COU. No documento não há nem uma única menção ao termo internacional ou internacionalização.

Acompanhando o Regimento e o Estatuto da Universidade, a Resolução nº 032/1996-COU, aprova a Estrutura Organizacional da UNIOESTE. No documento, dentro da previsão de Unidades Administrativas de Planejamento e Assessoramento Superior, está prevista a estruturação da Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais. O artigo nº 38 da referida resolução estabelece que “Art. 38 - A Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais é unidade da Reitoria que tem por finalidade a promoção e o relacionamento da Universidade com a comunidade internacional...”

Das atribuições previstas para o Assessor-chefe da Assessoria, estão compreendidas como inerentes às atividades de internacionalização, as seguintes:

I - a promoção da integração da UNIOESTE nos organismos internacionais vinculados ao desenvolvimento científico e tecnológico;

- II - a viabilização de intercâmbio cultural da UNIOESTE com instituições e organismos internacionais;
- III - a vinculação da UNIOESTE a Centros de Estudos e Pesquisas Internacionais;
- IV - a busca de Agências Internacionais de fomento às atividades de Ciência e Tecnologia;
- V - a viabilização de eventos científico-culturais de integração da UNIOESTE na comunidade científica internacional;
- VI - a articulação interna visando à determinação das áreas de interesse para o desenvolvimento de atividades de integração internacional;(COU, 1996)

Em dezembro de 1996, foi publicado o Planejamento Institucional da Unioeste, documento em que é evidenciada a relevância da inserção da Unioeste na região Oeste e Sudoeste do Paraná. De acordo com Schalenberger (1996):

A decisão de instituir o processo de planejamento estratégico esteve fundamentada na percepção de um cenário que enunciava conceitos de regionalidade e de relações sociais que indicavam e sugerem o desvelamento do papel da universidade no universo sócio-cultural em construção do Oeste do Paraná.(UNIOESTE, 1996, p.5)

O documento foi concebido visando a organização da vida acadêmica da Unioeste, a partir de reflexões e considerando o contexto social na qual estava inserida. Com relação ao futuro do ensino na Unioeste, o documento previa a melhoria do ensino, com a horizontalização dos cursos de graduação e a verticalização dos cursos de Pós-Graduação na área de Educação.

Com relação à expansão da Unioeste no âmbito internacional, o documento previa ações de Integração Latino-americana:

- 1 - Constituição de uma equipe interdisciplinar abrangendo as diversas áreas de conhecimento da UNIOESTE;
- 2 - Redimensionamento do CEPEDAL como Órgão de Apoio às questões da integração Latino-Americana;
- 3 - Implantar Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa;
- 4 - Implantação do Mestrado em Integração Latino-Americana;
- 5 - Viabilizar convênios de cooperação e intercâmbio com instituições latino-americanas e européias;
- 6 - Realizar atividades científico-culturais envolvendo profissionais altamente qualificados sobre América Latina;
- 7 - Elaborar projetos e realizar eventos relacionados com a Integração Latino-Americana;
- 8 - Participar de organismos e eventos que buscam a integração Latino-Americana em todas as áreas. (UNIOESTE, 1996, p.11)

No ano de 2007 foi realizado na Unioeste, um diagnóstico Pré-Plano de Desenvolvimento da Unioeste, em que a grande preocupação era a verticalização da Universidade. No documento, é possível observar essa ênfase na qualificação docente e aumento dos cursos, entretanto, o documento menciona pouquíssimas vezes algum termo que remeta à atividades de internacionalização. De acordo com o Pré-PDI, disponível:

“É preciso avançar no aprimoramento dos processos institucionais de apoio às 26 publicações científicas, técnicas e artísticas, bem como é urgente a consolidação do registro de patentes. Da mesma forma, é preciso avançar na divulgação de teses defendidas pelos profissionais instituição, na organização de eventos e na realização de intercâmbio e cooperação com outras instituições nacionais e internacionais. No entanto, reconheceu a comunidade acadêmica que avanços têm ocorrido” (UNIOESTE, 2007)

Ainda no ano de 2007, apesar de não se identificar ações efetivas com relação à internacionalização de fato na Unioeste, se prevê por meio da resolução nº 132/2007-CEPE que autoriza a celebração de convênios com instituições internacionais, objetivando a mobilidade acadêmica e a Resolução nº 348/2007-CEPE que aprova a celebração de convênios que viabilizem a mobilidade acadêmica em âmbito internacional.

O documento que aprova o Projeto Político Pedagógico Institucional da Unioeste (PPPI), a Resolução nº 270/2007-CEPE, faz menção à algum tipo de atividade de internacionalização uma única vez. Em seu item 4.3, que trata das políticas de extensão, está previsto: “valorizar os programas de Extensão interinstitucionais sob a forma de consórcio, redes ou parcerias e atividades voltadas para o intercâmbio e solidariedade internacional” CEPE (2007).

No Plano de Desenvolvimento Institucional de 2007 da Unioeste, atividades de internacionalização na Unioeste aparecem somente duas vezes no documento. Enquanto ação estratégica da pós-graduação, a internacionalização está prevista no PDI:

VII - fomentar as iniciativas inovadoras de pesquisas e o apoio à promoção e participação em eventos e intercâmbios científicos nacionais e internacionais;
VIII - apoiar a produção científica e sua divulgação em revistas indexadas nacionais e internacionais; (COU, 2007):

E também, o PDI, em (COU, 2007) prevê a internacionalização em seu Programa ou ação estratégica para a qualificação de servidores, no inciso IX : “construir

parcerias institucionais com universidades nacionais e internacionais, para consolidar intercâmbios dos servidores e dos acadêmicos da instituição.”

Já no Plano de Desenvolvimento Institucional mais recente, o PDI 2013, aparecem 11 menções à atividades de internacionalização, às páginas 85, 94, 95, 96, 105, 123, 132, 141, 153 e 154:

12.2 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Fortalecimento de ações de integração entre universidade e comunidade externa:

(...)

1.7 Incentivar e viabilizar atividades de extensão institucionais e interinstitucionais sob a forma de consórcio, redes ou parcerias, voltadas para o intercâmbio local, regional, nacional e internacional. (pag.85)

(...)

12.3 PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

Desenvolvimento de Políticas de Ensino

(...)

10.1 Propiciar condições para o acompanhamento dos programas de graduação existentes (ARCU-SUL, Ciências Sem Fronteira, Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI, PEGC e outros); (pag.90)

12.4 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

(...)

Fomento à política de intercâmbios com instituições de ensino superior e pesquisa em nível institucional, nacional e internacional

1. Estabelecimento de cooperação científica.

1.1 Financiar visitas técnicas dos docentes em outras instituições de pesquisa (nacional ou estrangeiras);

1.2 Estimular o afastamento para pós-doutorado;

1.3 Promover intercâmbio institucional;

1.4 Viabilizar o desenvolvimento de projetos em parceria. (pag.94)

(...)

Incentivo à participação de docentes e discentes em projetos de ensino, de pesquisa e de extensão

(...)

2. Ampliação da participação no Programa Ciência Sem Fronteiras.

2.1 Melhorar a inserção internacional da Unioeste por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa e intercâmbio dos alunos da pós-graduação com instituições de pesquisas fora do país.(pag.95)

(...)

Organização e adequação dos processos internos

(...)

4. Criação de um programa de apoio à publicação de artigos em revistas internacionais por meio da contratação de uma empresa para tradução e revisão de artigos.

4.1 Fortalecer os programas de pós-graduação e divulgação internacional da Unioeste.(pag.96)

(...)

Desenvolvimento de políticas para incentivo à divulgação científica

(...)

2. Fortalecimento da política de participação em congressos, simpósios ou eventos similares nacionais e internacionais, conferências e palestras.(COU, 2013, pag.105)

As outras menções às atividades de internacionalização presente nas páginas 123, 132, 141, 153 e 154, se repetem em todos os planejamentos dos 5 *campi* com relação à implementação de ações voltadas à “Fomento à política de intercâmbios com instituições de ensino superior e pesquisa em nível institucional, nacional e internacional” e “Desenvolvimento de políticas para incentivo à divulgação científica”.

A Resolução nº 348/2007-CEPE, aprovada em 13/12/2007, aprova a celebração de convênios com instituições internacionais, que viabilizem a mobilidade acadêmica em âmbito internacional.

Em 15/03/2012, foi aprovada a Resolução nº 027/2012-CEPE, a qual especifica em sua súmula: “Homologa o Ato Executivo nº 002/2012-GRE que aprovou, “ad referendum” do Cepe, o Regulamento que estabelece procedimentos relativos à Mobilidade Acadêmica Internacional no âmbito da Unioeste”.

Essa Resolução foi aprovada a fim de homologar um Ato Executivo do Reitor, que de modo *Ad Referendum*, ou seja, sem a aprovação no Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão, aprovou o Regulamento de Mobilidade da Unioeste. Tal procedimento precisou ser adotado diante da participação de estudantes no Programa Ciência sem Fronteira, que já havia aberto Edital de seleção em 2011 e tendo selecionado um aluno da Unioeste surgiu a necessidade de se regulamentar a saída de Estudantes da Unioeste.

Diante dessas regulamentações, é possível observar que embora os documentos prevessem um órgão interno específico para atender os assuntos de relações internacionais, não há o registro de ações efetivas desse setor. Também não houve durante o período, a criação de documento regulatório de processos de internacionalização, ou seja, uma política de internacionalização que viesse atender o previsto nos documentos anteriores, PDI, PPPI ou o Regimento Geral. Somente diante da necessidade e de programa federal de Mobilidade é que a Unioeste, tenta regulamentar um dos aspectos da Internacionalização, a Mobilidade Acadêmica.

3.2 Os primeiros convênios

Basicamente, a internacionalização do ensino superior consiste em um processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária, KNIGHT (2004). Ou seja, não se trata de um fim, por si só, mas de uma importante ferramenta das Universidades que objetivam cumprir a sua missão, baseada no tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Esse processo pressupõe uma série de atividades a serem desempenhadas pela Universidade para que se caracterize o que se conceitua de forma abrangente por internacionalização de ensino superior. Dentre essas atividades, a celebração de convênios permite que estejam previstas as ações que estimulem o intercâmbio de conhecimento das partes envolvidas.

O órgão responsável, na Unioeste, pela celebração de quaisquer convênios é a Diretoria de Convênios (DC). A Diretoria de Convênios está vinculada à Pró-Reitoria de Administração e Finanças, a PRAF e à Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais cabe a análise e elaboração de parecer sobre a celebração de convênios internacionais.

A partir do ano de 1996, na gestão do então reitor, professor Erneldo Schallenberger, iniciou-se um período de adoção de algumas medidas, que culminaram na aprovação de resoluções relacionadas às atividades de internacionalização da Unioeste.

Em 1996, o então Conselho de Administração e Desenvolvimento, o CADE, aprovou a Resolução nº 068/1996-CADE, a qual aprovava o primeiro convênio de Cooperação Artístico-Cultural e Educacional entre a Unioeste e a *Municipalidad de Corrientes*, com o objetivo de estimular e realizar programas e eventos de cooperação em assuntos educacionais, artísticos e culturais.

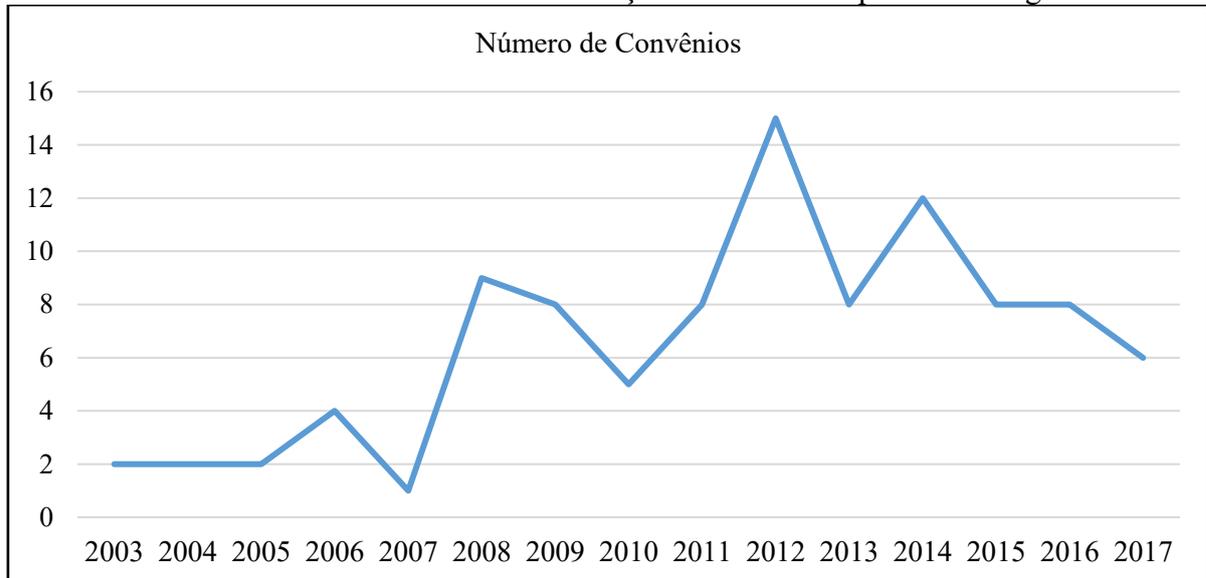
A aprovação de convênios e parcerias com universidades internacionais visando atividades conjuntas deram início ao processo de internacionalização, dentre os quais, se destaca, a Resolução nº 146/1997-CADE, que aprovava o Convênio de Cooperação Técnica, Científica e Cultural a ser celebrado entre a Unioeste e a Universidade de Coimbra e que objetivava estabelecer entre as instituições “um sistema de intercâmbio de informações, professores e pesquisadores, doutores e doutorandos, visando desenvolver atividades conjuntas de ensino e de pesquisa nas áreas de História, Sociedade e Cultura, no Brasil e na Península Ibérica, e História das Relações Internacionais”.

Nos anos seguintes, poucos convênios foram formalmente estabelecidos entre a Unioeste e outras instituições de ensino superior estrangeiras.

Em 2016, a Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais organizou a documentação referente aos convênios celebrados entre a Unioeste e outras instituições de ensino superior no âmbito internacional. Foram organizados os convênios celebrados a partir de 2003.

Observa-se no gráfico abaixo, que entre os anos de 2012 (15 convênios) e 2014 (12 convênios) foram celebrados o maior número de convênios entre a Unioeste e outras IES. Esse crescimento na assinatura de documentos de parceria se deve principalmente ao período de maior envio de estudantes por meio do Programa Ciência sem Fronteiras.

Gráfico 07 – Número de convênios com Instituições de Ensino Superior Estrangeiras



Fonte: Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais - ARI

Segue abaixo, um quadro com os convênios celebrados entre a Unioeste e Instituições internacionais, elaborado pela autora a partir das informações fornecidas pela ARI:

Tabela 14 – Convênios com Instituições de Ensino Superior Estrangeiras

PAÍS	INSTITUIÇÃO ESTRANGEIRA	DATA ASSINATURA
África do Sul	Universidade Pedagógica de Moçambique	24/12/2012
Alemanha	Universidade de Ciências Aplicadas - Escola Técnica de Munique	24/12/2008
	International Partnerships for Sustainable Technologies and Services for Climate Protection and the Environment	22/09/2011
	Institute Of Material Researchs	25/08/2012
	Hochschule Rhein-Wall	25/11/2013
	Hochschule Rhein-Wall	16/12/2014
	Hochschule Rhein-Wall	25/03/2015
	KAPP GmbH & Co., KG - KAPP NILES	30/03/2015
	KISTERS AG	23/08/2017
Argentina	Universidades Del Norte Grande Argentino	28/04/2006
	Universidad Nacional Del Nordeste da Argertina - UNNE	06/10/2008
	Escuela Normal Superior em Lenguas Vivas Juan B. Alberdi	31/10/2008
	Universidad Nacional de La Plata	06/10/2009
	Universidad Nacional de La Plata	26/01/2010
	Universidad Nacional Mar Del Plata - UNMDP	14/04/2010
	Universidad Gastón Dachary	04/12/2013
	Universidad Nacional de Entre Rios	12/03/2014
	Universidad Nacional Del Litoral	29/10/2014
	Universidad Nacional de Misiones	09/02/2016
	Instituto Nacional de Medicina Tropical - INMET	06/04/2016
	Universidad Nacional de Misiones	26/05/2016
Bolivia	Universidad Bolivariana da Venezuela - UBV	12/10/2009
	Universidad Técnica de ORURO	05/11/2012
	Universidad Mayor Real y Pontificia de San Francisco Xavier de Chuquisaca	11/08/2014
	Universidad Técnica de ORURO	29/08/2017
Canadá	EBSCO Publishing	23/05/2010
	Université Du Québec á Chicoutimi	09/06/2012
Chile	Universidad de Valparaiso	25/04/2005
	Universidade de Santiago de Compostela	21/05/2008
	Universidad de Valparaiso	27/09/2009
China	Departamento de Ciência e Tecnologia da Provincia de Zhejiang	22/10/2006
Colômbia	Universidad de Tolima	24/08/2014
	Universidad Industrial de Santander	25/11/2014
	Universidad Distrital Francisco José de Caldas - UDFJC	02/12/2016
	Universidad Pedagógica Nacional - UPN	24/01/2017
Cuba	Universidad de Ciencias Pedagógicas Juan Marinello Vidaurreta	15/04/2010
	Centro Nacional de Sanidad Agropecuária	15/10/2011
	Universidad de Sancti Spiritus José Marti Perez	01/12/2013
Dinamarca	Learning Lab Denmark - Escola Dinamarquesa	05/07/2008
	Escola Dinamarquesa de Educação da Universidade de Aarhus	05/08/2008
Espanha	Universidad Politécnica de Madrid	14/01/2003
	Universidad de Castilla-La Mancha	07/12/2008
	Universidade da Coruña	01/11/2009
	Universidad Politécnica de Madrid	14/08/2010
	Universidade de Vigo	24/02/2011
	Universidad de La Rioja	30/06/2012
	Universidad de Valladolid	18/12/2012
	Universidad de Jaén	17/12/2014
Estados Unidos	University of Mississippi	05/09/2005
	Tufts University de Boston	12/08/2006
	University of Illinois	10/02/2008

	Kansas State University	10/02/2015
	University of Wisconsin	24/12/2015
	University of Illinois	23/05/2016
França	Universidades da Região Rhône Alpes	15/11/2007
Itália	Università di Torino	21/01/2003
	Ca' Foscari University of Venice	16/05/2004
	Università degli Studi di Roma "Tor Vergata"	28/03/2009
	Università di Torino	21/06/2009
	Università Politecnica delle Marche	22/12/2012
	Università degli Studi di Roma "Tor Vergata"	13/06/2014
	Università degli Studi di Roma "Tor Vergata"	16/11/2017
Líbano	Universidade Americana de Beirute	28/06/2011
México	Universidad de Quintana Roo	05/11/2012
	Universidad Nacional autónoma de México de Los Estados Unidos Mexicanos	24/09/2015
	El Colegio de Tlaxcala, A.C - Mexico	17/11/2015
Noruega	Nord-Trøndelag University College	25/02/2013
Paraguai	Universidade Nacional do Leste do Paraguai	03/09/2004
	Universidad Nacional de Asunción - UNA	28/07/2012
	Universidad Nihon Gakko	27/08/2012
	Brasguay	05/09/2012
	Universidad Nacional de Itapúa	24/12/2012
	Ministério da Educação e Cultura do Paraguai	29/05/2013
	Universidad Nihon Gakko	10/07/2017
	Facultad de Ingeniería Agronómica da Universidad Nacional Del Este	23/11/2017
Peru	Universidad Nacional de Piura	26/08/2016
Portugal	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	11/07/2008
	Universidade de Lisboa	14/03/2009
	Universidade Técnica de Lisboa	15/01/2011
	Universidade Nova de Lisboa - UNL	11/09/2011
	Instituto Universitário da Maia - ISMAI	13/11/2011
	Universidade do Minho - Uminho	20/08/2012
	Escola Superior de Ciências Empresariais - Instituto Politécnico de Viana do Castelo	15/02/2013
	Universidade de Évora	09/09/2013
	Universidade de Lisboa	03/02/2014
	Universidade de Aveiro	18/03/2014
	Universidade do Porto	13/03/2015
	Universidade do Algarve	16/06/2016
Rede	Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental - REASUL	23/10/2013
	Erasmus Mundus - Eureka SD - Partnership Agreement	07/10/2014
	Associação Brasil Internacional de Inventores, Cientistas e Empreendedores	06/03/2016
República Dominicana	Universidad Iberoamericana - UNIBE	21/07/2012
Romênia	Babeş-Bolyai University of Cluj-Napoca - UBB	17/06/2014
Suécia	Universidade de Karlstad	27/10/2015
Suíça	EMPA - Institute Of Material Researches	25/08/2012
Venezuela	Universidad Central de Venezuela	20/08/2006
	Fundacion Escuela Venezuela de Planificacion	12/10/2009
	Universidad Latinoamericana Y Del Caribe	09/05/2011

Fonte: Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da Unioeste

É possível identificar que o país com o qual a Unioeste manteve o maior número de convênios é Portugal, seguidos de Argentina e Paraguai. E no ano de 2012, em que teve o maior número de convênios, Paraguai foi o país mais parceiro, reforçando o contexto internacional em que a Unioeste está inserida: uma universidade jovem e próxima a países estrangeiros com características aproximadas de clima, relevo, solo, população, etc.

3.3 As Regulamentações

Após a celebração dos primeiros convênios com instituições de ensino superior estrangeiras, e depois de um período sem a aprovação de regulamentação específica que caracterizasse alguma ação de internacionalização, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE, aprovou em 13/12/2007 a Resolução nº 348/2007-CEPE, a qual aprova a celebração de convênios que viabilizem a mobilidade acadêmica em âmbito internacional e também o Conselho Universitário da Unioeste – COU aprovou em 20/12/2007 a Resolução nº 132/2007-COU com o mesmo teor da Resolução do CEPE.

Em 2011, com a criação do Programa de Mobilidade Ciência sem Fronteiras, e o interesse de estudantes da Unioeste em participarem daquela ação, houve a necessidade de se criar um dispositivo que respaldasse a ausência dos estudantes durante o período de mobilidade e garantisse o vínculo com a Unioeste.

Diante dessa necessidade, em 2012 foi assinado um ato executivo pelo Reitor e em 15 de março de 2012, foi aprovada a Resolução nº 027/2012-CEPE, que regulamenta os procedimentos relativos à Mobilidade Acadêmica Internacional no âmbito da Unioeste.

Não foram analisados o teor dos documentos desses convênios celebrados com instituições de ensino superior internacionais, porém, de acordo com o Relatório GR-2, do Sistema de Convênios da Unioeste, na sua grande maioria, estão amparados pela Resolução nº 348/2007-CEPE, a qual aprova a celebração de convênios que viabilizem a mobilidade acadêmica em âmbito internacional, que também prevêm Cooperação técnica científica, educacional e cultural entre os participantes.

3.4 Mobilidade Acadêmica Internacional

Das atividades que configuram um processo de internacionalização, a Unioeste teve um desenvolvimento maior no aspecto da Mobilidade Acadêmica de estudantes, graças a celebração de convênios firmados com instituições estrangeiras e por meio de Programas específicos para esse fim.

É possível partir do pressuposto que a universidade percebe a Mobilidade Acadêmica Internacional como a parte mais visível da internacionalização, pois, é por meio do trânsito de alunos estrangeiros nos *campus* que se observam a maior parte as atividades de internacionalização. E para os estudantes brasileiros essa visibilidade foi dada graças aos programas de Mobilidade Acadêmica, como o Ciência Sem Fronteira, do Governo Federal, Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), Programa Marca e também pelo Bolsa Santander, entre outros.

A seguir, darei destaque aos três maiores Programas de Mobilidade, que permitiram o envio de estudantes da Unioeste para instituições estrangeiras: o Ciência Sem Fronteiras – CSF, que foi o programa que deu maior oportunidade de mobilidade internacional aos estudantes, o Santander e o PLI.

Não há registros de informações de mobilidade acadêmica internacional de estudantes da Unioeste, anteriores à implantação de sistemas de informação na Universidade. O Sistema de Gestão Acadêmica – Academus, teve em 2010 o início da sua implantação, e somente em 2011, essas informações começaram a ser introduzidas no sistema. Anterior a esse período também não há registro de afastamento formal para mobilidade internacional de estudantes. Se essas ocorreram, foram por iniciativa própria e sem o amparo da instituição. Entende-se por afastamento formal aquele no qual o estudante solicita o afastamento das atividades acadêmicas para cursar, componentes curriculares no exterior, por meio de convênio e com o conhecimento e o intermédio da instituição de origem, diferente de experiências informais de intercâmbio, em que o estudante vai por conta própria viver a experiência de internacionalização, sem nenhuma necessidade de prestação de contas ou com a finalidade de aproveitamento de atividades realizadas no exterior.

3.5 A experiência com o Programa Ciência sem Fronteiras

A partir de 2011, com o lançamento do Programa Ciência Sem Fronteiras - CSF, do governo federal, por meio da fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, em que tivemos um estudante contemplado com a bolsa para Mobilidade Internacional, surgiu a necessidade de se oficializar esse processo na Universidade. Foram criados regulamentos para regular os procedimentos e as competências dos envolvidos: alunos, coordenadores, instituição de origem e de recebimento, bem como o processo inverso para o recebimento de estudantes estrangeiros na Unioeste.

O Programa Ciência sem Fronteiras foi criado em 2011 com a finalidade de:

se promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. 9 (BRASIL, 2011)

Com o Programa Ciência Sem Fronteira, em 2011, os primeiros estudantes da Unioeste foram para países participantes do Programa. De lá até o ano de 2016 já foram enviados 119 (cento e dezenove estudantes de graduação) para diferentes países, sendo:

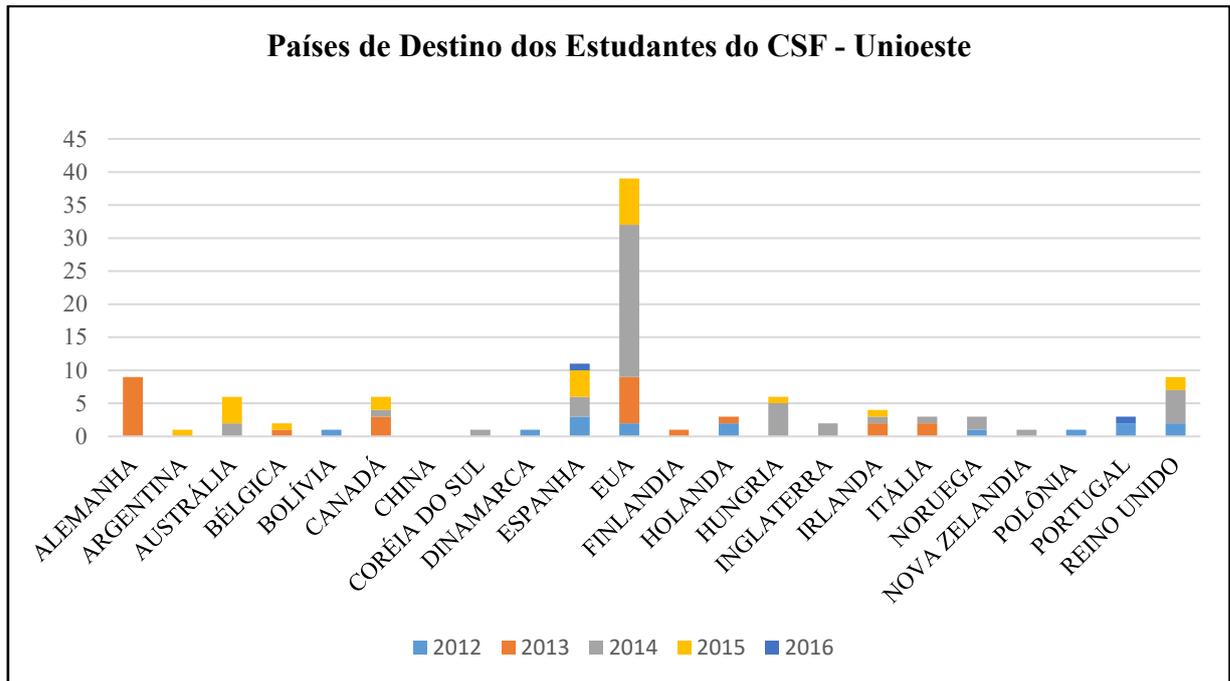
Tabela 15: Número de estudantes, países de destino e universidades participantes do CSF, por ano

Ano de saída	Nº de estudantes	Nº de países	Nº de Universidades
2012	14	8	14
2013	20	8	16
2014	57	13	45
2015	29	9	25
2016	5	2	2

Fonte: Assessoria de Relações Internacionais da Unioeste – elaborado pela autora

Observa-se no gráfico abaixo que o destino mais procurado pelos estudantes de graduação da Unioeste que participaram do CSF, foi os Estados Unidos, seguido de Espanha, Reino Unido e Alemanha.

Gráfico 08 – Países de Destino dos Estudantes do CSF - Unioeste



Fonte: Assessoria de Relações Internacionais – elaborado pela autora

E o ano em que a Unioeste selecionou o maior número de estudantes para estudar em outro país foi em 2014, período em que o governo ampliou o número de bolsas.

Assim como no restante do mundo, os EUA são o principal destino dos estudantes internacionais: em 2005 as suas instituições acolheram 590.128 acadêmicos, isso corresponde a um pouco mais do que a soma dos dois outros países mais importantes na recepção destes fluxos: Reino Unido (318.399) e Alemanha (259.797). Lima (2009)

De acordo com o Portal da CAPES, os EUA foi o país que mais recebeu estudantes bolsistas por meio do Programa Ciência Sem Fronteiras: (27.821), seguido do Reino Unido (10.740) e do Canadá (7.311).

O programa não foi extinto, porém, o último edital para graduação foi publicado em 2014. O encerramento oficial do programa para estudantes universitários foi anunciado no dia 23/07/2016, pelo então Ministro da Educação, Mendonça Filho.

Com o encerramento das ações destinadas aos estudantes de graduação, em 2016 ainda existiam 3 estudantes da Unioeste fora do país por meio do CSF, que retornaram ainda no ano de 2017.

3.6 Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI

O Programa se trata de uma seleção de projetos de graduação sanduíche para estudantes de cursos de licenciaturas das áreas de Biologia, Física, Matemática, Química e Português no âmbito do Programa de Licenciaturas Internacionais PLI – Portugal, com vistas a valorizar e estimular a formação de professores de educação básica no Brasil. (CAPES, 2013)

As universidades participantes do Programa são:

Universidade do Algarve

Universidade de Aveiro

Universidade da Beira Interior

Universidade de Coimbra

Universidade de Évora

Universidade de Lisboa

Universidade do Minho

Universidade Nova de Lisboa

Universidade do Porto

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Em 2012, sob a coordenação local do curso de Letras do *campus* de Cascavel, 7 estudantes participaram de uma seleção para cursarem disciplinas da área de Linguagem, na Universidade de Lisboa, em Portugal, durante dois anos, por meio do PLI. A atividade garantiu aos estudantes a dupla diplomação, um diploma emitido pela Unioeste e outro emitido pela universidade receptora.

3.7 Bolsas Ibero-Americanas Santander

O Programa de Bolsas Ibero-Americanas, foi lançado em 2011, com o apoio do Banco Santander, é uma iniciativa criada com o objetivo de promover o intercâmbio acadêmico de estudantes de graduação entre universidades de 10 países da região da Ibero-América: Brasil, Peru, Argentina, Espanha, Chile, Colômbia, México, Portugal, Porto Rico e Uruguai. O curso ofertado é o resultado de um acordo estabelecido entre a universidade de origem e a de destino. (ARI, 2017)

No ano de 2016 o programa distribuiu 850 bolsas de estudo para estudantes de 129 universidades brasileiras participantes. Para a Unioeste, no mesmo ano, foram ofertadas 3 bolsas por meio de Edital, em que foram contempladas 3 estudantes do *campus* de Francisco Beltrão. (ARI, 2016)

O valor das bolsas equivaleu a 3.000 euros por aluno, o que equivalia a 12.000 reais aproximadamente, no ano de 2016. Esse valor deve ser utilizado como bolsa-auxílio e serve para cobrir gastos do estudante com transporte, moradia e alimentação e devem ser usufruídas durante o período de até um semestre pelos estudantes de graduação selecionados.

3.8 Questionário aplicado aos estudantes de graduação que participaram de Programas de Mobilidade Acadêmica

No ano de 18/07/2017, foi enviado via e-mail, um Questionário conforme o anexo I, por meio de formulário do Google, a 119 estudantes que participaram de programas de Mobilidade existentes na Unioeste, desde 2011. Os endereços eletrônicos foram obtidos junto à Assessoria de Relações Internacionais e estipulou-se um prazo de dois meses para o retorno das respostas.

Foram elaboradas 20 questões, com respostas majoritariamente abertas, com a intenção de se obter o maior número possível de informações dos estudantes, a fim de se estabelecer uma visão mais ampla da experiência vivida por eles e das contribuições que esses relatos poderiam trazer.

Porém, devido ao baixo retorno desses questionários, ampliou-se o prazo para mais dois meses. Ao término desse tempo de 120 dias, somente 20 estudantes responderam às questões. Num primeiro momento, pensou-se em não utilizá-los na pesquisa. Mas, diante do entendimento de que a falta de retorno dessas respostas, revelam um aspecto importante da compreensão institucional que se tem da internacionalização, a partir a visão dos estudantes, trazemos aqui o resultado desses questionários e breves considerações ao final do Capítulo.

A seguir, destaca-se as questões que permitiram respostas mais relevantes e o significado que essas respostas representam na prática a experiência de Mobilidade Acadêmica Internacional.

Título da pergunta: 1 - Qual seu curso e campus? 20 respostas

Campus	Curso	Quantidade
Cascavel	Engenharia Civil	3
	Enfermagem	1
	Ciência da Computação	1
	Administração	1
	Ciências Biológicas - bacharelado	1
	Ciências Econômicas	1
Foz do Iguaçu	Engenharia Elétrica	2
	Ciência da Computação	2
	Matemática	1
Francisco Beltrão	Pedagogia	1
	Direito	1
Marechal Candido Rondon	Administração	1
	Educação Física Bacharelado	1
Toledo	Engenharia Química	2
	Serviço Social	1
Total		20

Fonte: Elaborado pela autora a partir das respostas do questionário (anexo I)

Nessa questão é possível observar que o campus que mais enviou estudantes para Mobilidade Acadêmica Internacional, foi o de Cascavel. E, também que os cursos da área de exatas são os que enviaram o maior número de alunos por curso.

Título da pergunta: 2 - Você participou de algum processo seletivo para programa de Mobilidade Internacional? Número de respostas: 20 respostas.

- Programa de intercambio por empresa privada: 4
- Convênio com Instituição estrangeira: 3
- Ciência sem Fronteiras (CSF): 12
- Bolsa Santander: 1

Nessa questão, se observa que o maior número de estudantes que participaram de Mobilidade Internacional, foram enviados pelo Programa Ciência sem Fronteiras, seguidos por Programas de intercâmbio por empresa privada e por Convênio com Instituição estrangeira.

Título da pergunta: 3 - Em que ano você saiu para realizar a Mobilidade Acadêmica Internacional. Número de respostas: 20 respostas.

2012	2013	2014	2015	2016
2	2	7	7	2

Corroborando as respostas anteriores, o maior número de estudantes que participaram de Programas de Mobilidade, durante os anos de 2014 e 2015, no auge do CSF.

Título da pergunta: 5 - Você possuía a proficiência na língua do país anfitrião? Número de respostas: 20 respostas. Dos respondentes, 12 disseram que possuíam proficiência, 8 disseram que não possuíam, mas dois possuíam em inglês quer era requisito para o curso.

Título da pergunta: 7 - Você cumpriu todo o programa de estudos planejados antes da sua partida?. Número de respostas: 20 respostas. Dos respondentes, 13 disseram que cumpriram, 4 disseram que houve a necessidade de reduzir disciplinas, 1 disse que houve a necessidade de cursar mais disciplinas e dois disseram que não houve esse planejamento.

Título da pergunta: 9 - Você recebeu alguma proposta ou convite para retornar à Instituição que o recebeu?. Número de respostas: 20 respostas. Dos 20 respondentes, 15 disseram que não receberam, 4 disseram que receberam convite para a Pós-Graduação e 1 para participar de Projeto de Pesquisa.

Título da pergunta: 10 - Você foi orientado pela Unioeste sobre os procedimentos necessários para a sua saída da Unioeste?. Número de respostas: 20 respostas, sendo que 15 disseram que receberam orientação da Unioeste e 5 disseram que fizeram todo o processo sozinhos.

Título da pergunta: 12 - Como você se manteve financeiramente no estrangeiro. Número de respostas: 20 respostas. 19 estudantes disseram que receberam bolsa do Programas, sendo que desses, 6 também receberam auxílio da família e somente 1 disse que precisou vender o carro para se manter.

Título da pergunta: 13 - Na instituição que você participou, quais tipos de assistência existiam para o estudante estrangeiro:. Número de respostas: 20 respostas. Nessa questão os estudantes podiam marcar mais de um tipo de assistência e diante disso, a mais votada foi a possibilidade de bolsas de monitoria com 11 respostas, seguida de atendimento médico e psicológico com 9 respostas, moradia 6, alimentação 5 e transporte 3. Outros tipos de assistência também foram relatadas com 7 respostas.

Título da pergunta: 17 - Relate quais as dificuldades você encontrou no retorno das suas atividades na Unioeste: Das 20 respostas, foram condensadas as que possuíam as mesmas características, porém redigidas de forma diferente. 5 estudantes relataram não ter tido nenhuma dificuldade no retorno, as outras 15 respostas convergem para a mesma dificuldade: a de aproveitamento de disciplinas ou falta de flexibilização da estrutura curricular e ainda a greve dos servidores públicos que alterou o calendário acadêmico. De acordo com

alguns relatos, é possível observar uma dificuldade ou resistência dos cursos com relação ao aproveitamento das disciplinas cursadas em instituições estrangeiras:

- *“Como a Unioeste havia passado por um período de greve, ao voltar tive que esperar o retorno das atividades e adequação do calendário. Além disso, o fato de ser a primeira discente do curso de Serviço Social a realizar intercâmbio, a coordenação de curso teve bastante dificuldade com o "que fazer" com os certificados de disciplinas apresentados, tanto que, até o momento não consegui formalizar as horas como "Formação independente"”;*

- *“A Unioeste é uma instituição conhecida por ser excessivamente burocrática. Quando voltei tive dificuldades em co validar algumas disciplinas. Inclusive tive que fazer uma aqui no Brasil sem a devida necessidade, como se constatou depois.”;*

- *“Sistema pré-histórico e ultrapassado. Antes mesmo da mobilidade já tinha esta opinião (estudei na UTFPR), os sistemas da Unioeste são um tanto ineficientes e a maioria dos cursos continua com uma grade anual (algo raro de encontrar em cursos superiores hoje em dia).”;*

- *“O período do intercâmbio foi conforme o calendário Europeu, sai do Brasil no meio do ano de 2014 e retornei no meio de 2015, pelo calendario da unioeste ser anual, perdi quasae todas as materias que haviam sido realizadas em 2014, ja que houveram mudanças de horarios, e algumas materias passaram a ser ofertadas em semestre diferente.”*

- *" Aproveitamento de disciplinas”*

- *" burocracia para validar disciplinas”*

- *“aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior”*

- *“Professores muito intransigentes para aproveitamento de disciplinas. ”*

Título da pergunta: 19 - Na sua opinião, a experiência de Mobilidade Acadêmica Internacional é adequada para estudantes de graduação? Número de respostas: 20 respostas. Dos respondentes, 14 acreditam que sim, que a experiência é adequada para estudantes de Graduação, 4 acham que talvez seja adequada, porém não justificam, somente 1 acha que não é adequada e 1 se manifestou como entendendo que sim, é adequada, porém, recebeu pouco incentivo ou empenho do curso, tanto na ida quanto na volta.

Na última questão, de numero 20: 20 - Relate brevemente quais os pontos positivos e negativos dessa experiência para você, na qual a resposta poderia ser aberta, se observa que de modo geral todos concordam que existem mais pontos positivos que negativos. Porém, cabe destacar que alguns estudantes relatam como ponto negativo da experiência, a falta da cobrança por parte do Programa de um resultado ou retorno do aluno:

“Foi uma experiência muito boa, porém é necessária maior cobrança por parte da IES brasileira em relação ao desempenho do aluno no exterior. Ainda mais, é necessário um melhor controle na qualidade dos alunos que são selecionados e autorizados a irem para o exterior.”

“A experiência foi enriquecedora no campo pessoal, no campo acadêmico e no campo social, e me influenciou muito para seguir para a pós-graduação. Acredito que todos os acadêmicos deviam poder realizar um ano de mobilidade em outro país, ou mesmo em outro estado, para conhecer a realidade além dos muros da sua universidade, o que na Europa é uma prática bastante comum. Como aspecto negativo posso destacar a falta de um acompanhamento e uma cobrança por parte Ciência sem Fronteiras (programa que propiciou meu intercâmbio e que já foi extinto) uma vez que foi oferecida bolsa mas não houve a cobrança por resultados. Muitos intercambistas do mesmo programa não cursaram nenhuma disciplina, apenas usaram o dinheiro do governo para viajar, sem que isso gerasse uma penalização ou perda da bolsa.”

“Pontos positivos: Contato com outra língua, cultura, sociedade, organização etc....; Possibilidade de trazer boas ideias ao Brasil; Profissionais mais preparados para o mercado de trabalho e para sociedade em geral; Profissionais com contatos em outros países, que possibilitam pesquisas colaborativas.

Pontos negativos: Falta de acompanhamento e fiscalização por parte das instituições brasileiras; Descaso e despreparo na universidade quando o aluno retorna do período de mobilidade; Despreparo da universidade ao auxiliar o aluno no período anterior a viagem; Falta de um método de seleção, com critérios bem definidos para o envio de alunos para a mobilidade.”

3.9 Considerações do Capítulo

A análise das experiências da Unioeste apresentadas nesse capítulo, permitiram visualizar quais foram os caminhos percorridos pela universidade e as tentativas de se criar regulamentos para se estabelecer algum tipo de processo de internacionalização.

Com relação à análise documental foi possível concluir que o estabelecimento de convênios, as Resoluções internas aprovadas para Mobilidade e ações previstas nos documentos regimentais e de planejamento da Unioeste, ainda não partem de um princípio de

uma política institucional de internacionalização, talvez pela falta de perspectiva no assunto mas permitiram os primeiros passos na criação dessa política. Entende-se que não se parte dela, mas se constrói a partir das ações e experiências vividas.

Diante da análise dos resultados e das respostas dadas aos questionários, observou-se que essas políticas de mobilidade acadêmica são inconclusas, pois, não se destaca nenhum retorno para a Universidade ou à sociedade, fazendo com que a experiência internacional seja um ganho cultural somente para o estudante, deixando de atender a um dos princípios da internacionalização que é a interculturalidade por meio da integração.

Embora o retorno tivesse sido baixo, a ausência de respostas nos demonstra os aspectos negativos dos programas de Mobilidade aliados à ausência de uma política institucional de internacionalização: a inexigibilidade de um retorno por parte dos discentes, das experiências e perspectivas a partir da experiência internacional e a própria compreensão de como se dá esse processo.

E aqui estão os fatores que interferem totalmente na eficácia da internacionalização do ensino superior: uma regulamentação interna que estabeleça diretrizes, oriente os procedimentos e que esclareça e envolva a comunidade acadêmica acerca desse processo, o qual deve permear o ensino, a pesquisa e a extensão. E, partir dessa política é que vai tornar exitosa as experiências internacionais e enriquecer as práticas, fazendo com que deixem de ser atividades isoladas e passem a ser um processo institucionalizado.

4 A LITERATURA SOBRE O ENSINO SUPERIOR E A INTERNACIONALIZAÇÃO

Neste capítulo, o objetivo é apresentar os fundamentos e as referências a respeito da internacionalização do Ensino Superior, por meio da revisão da bibliografia publicada sobre o assunto, a fim de se contextualizar a pesquisa.

Também parte-se de um breve resgate histórico das finalidades da Universidade, e passando pelos conceitos apresentados por diversos autores, em que se busca desenhar o panorama da internacionalização do ensino superior, desde o entendimento de um processo enquanto efeito da Globalização até a sua relação com os cursos de graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

A fim de realizar essa contextualização, inicialmente foi tomada como base bibliográfica a obra “A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento” de Fernando Seabra Santos e Naomar de Almeida Filho, publicada em 2012.

Na referida obra, os professores Fernando e Naomar, fazem um resgate histórico das primeiras Universidades, e uma releitura da afirmação de que a universidade foi inventada na Europa Ocidental a quase mil anos. Com o intuito de demonstrar que a universidade foi *reinventada* na Europa Ocidental, e a partir daí é que se assume a definição clássica de Universidade, os autores refazem o percurso dos antigos centros de conhecimento que se originaram no Oriente e sofreram alguns, a completa destruição com os efeitos das antigas invasões e guerras.

Diante disso, a mobilidade estudantil internacional, entendida como a movimentação de estudantes estrangeiros, para além das fronteiras dos seus países em busca do conhecimento, existe desde os primórdios desses centros de educação, considerados como Universidades. Trata-se de uma prática necessária para aquele que precisa buscar o conhecimento em outras terras.

Assim, o terceiro capítulo vai trazer, por meio da contextualização histórica, uma compreensão da finalidade da Universidade enquanto instituição responsável pela construção do conhecimento e a relação dessa instituição com o processo de internacionalização do ensino superior e seus efeitos na instrução de estudantes preparados para viver num mundo globalizado.

E, ainda quais os aspectos de internacionalização permeiam as atividades e são compreendidos pelos autores enquanto conceitos desse processo e quais as propostas

apresentadas por esses autores para a implantação de um processo eficaz de internacionalização de uma instituição de ensino superior.

4.1 O Ensino Superior – A Universidade

Na etimologia, a palavra Universidade, vem do latim *universitas, ātis* 'universalidade, totalidade': que possui qualidade ou condição universal, cujo significado está relacionado com “conjunto, universalidade, comunidade”, entretanto o uso deste termo com o conceito com que é hoje empregado tem origem na expressão “*universitas magistrorum et scholarium,*” comunidade de mestres e estudiosos, o que nos leva a definir uma universidade como uma comunidade multidisciplinar onde os mestres detentores do conhecimento passam os mesmos aos estudiosos em busca de aprimoramento intelectual e profissional.

No caso do Ensino Superior, essa definição de Houaiss(2009), é a mais utilizada e conhecida como a concepção clássica europeia de Universidade:

“Instituição de ensino e pesquisa constituído por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados a comunidade científica mais ampla.” (HOUAISS, 2009)

De acordo com a declaração oficial da UNESCO, a universidade de Karueein (ou Al Quarawiyyia) fundada em Fez, no Marrocos, por uma mulher, Fatima al-Fihri, no ano de 859 d.C., a madrasah islâmica foi reconhecida como a primeira universidade do mundo, seguindo a definição moderna, conforme descrita por Houaiss (2009).

Na vasta literatura a respeito do assunto, encontram-se várias proposições para se defender onde surgiu a primeira universidade do mundo. De acordo com Kramer (1971), a escola de escribas sumérios Eduba, citada como a primeira universidade, foi criada por volta 3500 a.C. Ensinava apenas a escrita cuneiforme suméria e matemática, porém, foi um local de extrema importância para o desenvolvimento da escrita.

Cabe destacar a Biblioteca de Alexandria, que pode ser considerada o modelo da universidade moderna. Situada na cidade de Alexandria no Egito, foi fundada no século III A.C., era considerada o maior centro de conhecimento do seu tempo, até a sua destruição 391 D.C. pelo bispo Teófilo. Criada no período helenístico, seu propósito era refletir os valores de

sua época, ou seja, de apoio a difusão do saber grego clássico para o Oriente. Sua construção foi patrocinada pelo sátrapa do Egito, Ptolomeu, que, sendo um apreciador da filosofia grega — tal como seu antecessor, Alexandre, o Grande — apoiou a criação de diversas escolas de pensamento sediadas na Biblioteca, além de museus e coleções permanentes, que acabaram atraindo diversas personalidades intelectuais de todo o mundo antigo para Alexandria. MEY (2004, p.1)

De acordo com Canfora (1989), O objetivo da biblioteca era conter em sua coleção “os livros de todos os povos da terra”. Ptolomeu foi o precursor dessa ideia, pois primava pela plena integração dos povos em torno do saber. A destruição da Biblioteca de Alexandria não está clara na história, narrações foram desenvolvidas para explicar o que aconteceu no primeiro grande incêndio, e tomam como ponto de partida a perseguição que Júlio César operava sobre seu inimigo Pompeu, em 48 a.C. Essa destruição, além de extinguir os recursos culturais da época, desestabilizou as escolas da cidade, pois, todos os seus artefatos, tais como papiros, livros, pinturas e peças arqueológicas, foram queimados.

Também, no Egito é considerada por alguns autores como a segunda universidade mais antiga do mundo, na definição moderna, fundada no Cairo, no Egito, em 970 d.C., a universidade de Al-Azhar.

De acordo com Seabra (2012), no mundo oriental, pode-se destacar, além das madraçais, como centro de conhecimento e formação avançada, a Escola de Nalanda, na Índia, criada no ano de 427d.C, fundada por budistas. Ocupava-se de matérias como história, direito, linguística, arquitetura, escultura, astronomia e medicina e atraía estudantes da China, Coréia, Japão, Tailândia, Tibete e Mongólia. De relevância, portanto, internacional, já promovia a chamada mobilidade acadêmica, ou mobilidade estudantil, conceito que veremos mais à frente. Foi destruída em 1193 por saqueadores muçulmanos. A destruição de Nalanda assim como de templos e mosteiros no norte da Índia, onde havia centros de estudos, é considerado por vários historiadores como a causa do desaparecimento do antigo pensamento científico indiano.

Numa visão mais próxima do conceito moderno, a Academia, fundada em 387 a.C. pelo filósofo grego Platão no bosque de *Academos*, próximo a Atenas, é defendida por muitos como a primeira universidade. Nela os estudantes aprendiam filosofia, matemática, astronomia e música, além da ginástica e destinava-se à formação de homens e mulheres capazes de exercer funções políticas de destaque nas suas comunidades, Seabra (2012).

Embora próxima do conceito moderno, não constituía realmente uma universidade, pois cada pensador fundava uma escola de pensamento para difundir seus

conhecimentos, não para debatê-los. Por imposição do Imperador romano Justiniano, foi encerrada no ano 529 d.C.

Também, Aristóteles em 335 a.C., fundou escola similar à de Platão, o Liceu. Seus ensinamentos, o *corpus aristotelicum*, o qual se presume ter sido constituído por mais de quatrocentos textos, passou para a Biblioteca de Alexandria, tendo sido lido e traduzido por pensadores para o árabe e preservado pela cultura islâmica, feito atribuído ao “polímata persa” Avicena e sendo reintroduzido na Europa, durante a presença muçumana no Ocidente, que mais tarde seria adaptado à doutrina cristã e ensinado nos antigos mosteiros medievais, Santos, (2012).

Após esse percurso, a universidade é reinventada na Europa Ocidental, dentro de um contexto de renascimento, sendo organizada nos grandes centros urbanos, Bolonha (1088), Paris(1090) e Oxford(1096) e possuíam estrutura curricular semelhantes em seus estudos básicos, iniciada pelo *Trivium* (lógica, gramática, retórica) e o *Quadrivium* (aritmética, música, geometria, astronomia), tradição originada na academia de Platão e era complementada com os cursos de Direito, Teologia e Medicina, constituindo assim, o nível superior de ensino, Santos, (2012).

De acordo com Santos (2012), a partir daí, houve uma expansão das universidades por toda Europa Medieval: Salamanca na Espanha (1218), Coimbra em Portugal (1290), partindo para as colônias e permitindo a fundação de vários outros centros do saber, com o objetivo de guardar e proteger os valores da civilização cristã-européia, por meio do ensino, tendo sido essa função tida como um princípio e transformando-se com o tempo na primeira missão da Universidade.

4.2 Causa e Efeito: A globalização e a internacionalização do ensino superior

Todo efeito tem uma causa, e a internacionalização do ensino superior nas diferentes formas como se apresenta na contemporaneidade, é apenas um dos efeitos da globalização mundial, quando observada como um processo de integração cultural, social e econômico entre as diferentes nações. Porém, é necessário ter o cuidado de não se confundir os dois fenômenos, pois, um afeta o outro. Para a autora canadense Jane Knight (2008), “A internacionalização está mudando o mundo da educação superior, e a globalização mudando o mundo da internacionalização”.

As instituições de Ensino Superior buscam se adaptar ao mundo globalizado, adquirindo novas competências e preparando seus estudantes para atender às necessidades impostas por esse contexto. E a internacionalização das suas atividades é uma das formas de garantir essa adaptação. Segundo Miura (2006) o seu objetivo deve ser a integração da dimensão internacional e intercultural como um todo, nas propostas e funções das instituições de ensino superior, que são promover o ensino, pesquisa e serviços de extensão.

4.3 Globalização

A Globalização, fenômeno que vem provocando significativas mudanças nas relações sociais, sendo evidenciado principalmente pelos meios de comunicação após a Segunda Guerra, em que transpôs a humanidade da era mecânica para a era eletrônica e tornou o planeta cada vez mais conectado, o transformando numa grande aldeia global.

Não se trata de um fenômeno estático, pois, esse conceito não se refere simplesmente a uma ocasião ou acontecimento, mas a um processo. E a maior característica da globalização é o fato de ela estar em constante evolução e transformação, fazendo com que a integração mundial por ela gerada seja cada vez mais ampliada no decorrer do tempo.

Não se pode mais imaginar a globalização sem a multiplicidade dos indivíduos, grupos, classes, tribos, nações, nacionalidades, culturas etc, que se globalizam, ao acaso ou por indução, sabendo ou não, Ianni (1994).

Interfere diretamente na nossa vida sem que percebamos, a exemplo da internet, que permite o acesso à informações, transações financeiras ou a comunicação com pessoas de qualquer localidade do planeta, em tempo real, algo inimaginável há apenas três décadas.

De acordo com Giovanni e Nogueira, (2015, p.414) teoricamente existem pelo menos três interpretações para a Globalização: a primeira de cunho liberal o entende como progresso do Capitalismo a partir da queda do Socialismo na União Soviética; a segunda de cunho histórico-econômico aponta o fenômeno a partir das Grandes Navegações associado às expansões europeias e a ampliação do mercado internacional e a terceira teoria, baseia-se nas alterações do modo de produção capitalista, que privilegia a passagem do capitalismo industrial para o financeiro a partir da década de 80.

De modo geral, a globalização vem associada ao movimento cíclico que o capitalismo realiza desde a expansão mercantilista (1450-1750), passando pela Revolução Industrial, Colonialismo, Imperialismo e concluído no final da Segunda Guerra (1750-1945) em que se consolida com a criação grandes instituições financeiras que garantirá a hegemonia do capital em escala internacional até os dias atuais, (GIOVANNI E NOGUEIRA 2015 p.415)

A tendência de se acreditar que as sociedades mais desenvolvidas, dominantes ou hegemônicas servem de parâmetro do que pode ser o mundo. [...] Nestes casos, a globalização tende a ser vista como euro-peização, americanização ou ocidentalização, ainda que se fale em modernização, secularização, individuação, urbanização, industrialização ou modernidade, Ianni (1994, pag.153).

Definitivamente, o século 20 foi o que mais passou por transformações econômicas, sociais e culturais, ocasionado pelo crescimento acelerado das indústrias, das cidades, da população mundial e dos meios de comunicação, passando a afetar também as identidades culturais.

Para Ianni (2001), o pensamento científico não consegue mais dar conta das reflexões acerca da sociedade contemporânea, que adquirem um espectro global:

[...]As relações, os processos e as estruturas econômicas, políticas, demográficas, geográficas, históricas, culturais e sociais, que se desenvolvem em escala mundial, adquirem preeminência sobre as relações, processos e estruturas que se desenvolvem em escala nacional, O pensamento científico, em suas produções mais notáveis, elaborado primordialmente com base na reflexão sobre a sociedade nacional, não é suficiente para apreender a constituição e os movimentos da sociedade global.(IANNI, 2001)

Surgem os problemas, também em escala global, como o aquecimento global e a insustentabilidade provocada pelo capitalismo. Diante desse quadro, as inovações tecnológicas nacionais não acompanham a velocidade dessa transformação econômica, que gera uma enorme desigualdade social.

Os efeitos da Globalização ultrapassam o campo econômico, gerando um avanço tecnológico e científico que produz profundas mudanças nas sociedades. Países menos desenvolvidos passam a ter a necessidade de estabelecer alianças com países mais desenvolvidos a fim de atender à demanda criada por essas mudanças.

Para a professora Jane Knight (2003, p.3), Knight e De Wit, (1997, p.6) a globalização pode ser entendida como:

“o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e ideias através das fronteiras. A globalização afeta a economia de cada país de modo diferente devido à sua história, tradições, cultura e fatores ambientais que, conseqüentemente tem inúmeros efeitos sobre a educação(...)” (KNIGHT, 2003, p.3; KNIGHT e DE WIT, 1997, p.6)

As Universidades, que têm papel fundamental na produção de conhecimento, nas pesquisas de cunho tecnológico e científico e de propriedade intelectual, também sofrem os efeitos desse fenômeno mundial e devem estar preparadas não só para preparar seus alunos para desenvolverem competências capazes de atuarem num contexto global, como de adaptar seus currículos e buscar parcerias internacionais para desenvolver suas pesquisas. Para Carnoy(1999, p.14):

[...]a globalização passa a ter um efeito profundo na educação em muitos níveis diferentes e terá um efeito ainda maior no futuro, à medida que as nações, regiões e localidades compreendam plenamente o papel fundamental que as instituições educacionais têm, não só na transmissão de habilidades necessárias em a economia global, mas na reintegração de indivíduos em novas comunidades construídas em torno de informações e conhecimento. CARNOY(1999, p.14): **tradução minha**

Ianni, 2001(pag.15), chama a atenção para alguns termos cunhados em época do surgimento da Globalização, entre eles “aldeia global”, que passa a ideia da formação de uma comunidade mundial, em que se dissiparam as fronteiras e as possibilidades de comunicação e informação sugerem a homogeneização.

De acordo com Lima, 2015 (pag.417), a Globalização não é fenômeno acabado e requer de sociedades e indivíduos ampla reflexão, capaz de apontar caminhos na direção de um cosmopolitismo de fato, de tolerância, equidade e solidariedade ambiental.

Nesse sentido, a internacionalização não só no âmbito da economia, mas do conhecimento é fundamental para auxiliar nessa reflexão, pois, integra as potencialidades que o ensino pode proporcionar no desenvolvimento de pesquisas em tecnologia e inovação, que segundo Carnoy, (1999), são as bases principais da globalização.

4.4 Internacionalização do ensino superior

O termo internacionalização pode ser entendido como o cruzamento das fronteiras dos estados-nações (Boddewyn et al., 2004, *apud* Amarante e Verdu), ou seja, uma movimentação de uma nação com o exterior que envolve atividades de entrada e saída, num contexto quantitativo abordado por números ou num contexto qualitativo quando abordado por resultados.

A internacionalização do ensino superior, particularmente nesse caso, pode ser observada como um dos reflexos positivos da Globalização, em que a ciência e a tecnologia se tornam ferramentas importantes para a interação entre nações, a fim de atender às demandas da sociedade, quando observada por uma abordagem qualitativa.

O debate acerca do conceito de internacionalização do ensino superior tem se ampliado no mundo e também no Brasil, em que as pesquisas acadêmicas tem subsidiado as instituições nos caminhos a serem seguidos. Porém, por se tratar de um processo recente e dinâmico, existem diversos tratamentos conceituais sobre o tema, partindo desde uma atividade de intercâmbio de estudantes até uma proposta institucional mais abrangente.

A Universidade tem o dever de colocar o conhecimento a serviço da humanidade, criando e recriando um mundo novo, em que o acesso a novas descobertas e resultados do progresso científico, é apenas umas das possibilidades que surgem com a internacionalização. Por meio da cooperação mútua entre países é possível promover a ciência de forma quantitativa e qualitativa.

A maior estudiosa sobre internacionalização no ensino superior, a professora canadense Jane Knight, conceitua o termo como um processo dinâmico de integração das dimensões intercultural e internacional ao ensino, pesquisa e serviços administrativos na universidade, Knight (2008). Porém, também alerta que se deve considerar a internacionalização como um meio e não um fim em si mesmo:

A internacionalização não é um fim em si, mas sim é um meio para um fim. Enquanto os objetivos da internacionalização e os benefícios antecipados diferem de instituição para instituição e de país para país, a expectativa geral é amplamente compartilhada de que a internacionalização contribuirá para a qualidade e relevância do ensino superior em um mundo mais interconectado e interdependente. (KNIGHT, 2008) **Tradução minha**

Conforme De Wit e Knight (1997), as motivações que levam as Instituições de Ensino superior para a internacionalização, podem ser diversas, entre elas podemos citar as de cunho econômico, político, sociocultural e acadêmico. Particularmente, a Unioeste destaca em suas atividades internacionais, motivação de cunho acadêmico, em que se busca uma qualificação acadêmica por meio das relações internacionais com outras instituições de ensino superior.

De acordo com Gacel-Avila, 2007, *apud* Amarante e Verdu), essas relações compreendem: o estabelecimento de acordos interinstitucionais, a mobilidade estudantil, a mobilidade docente, as redes internacionais para pesquisa e ensino, a internacionalização do currículo e a cooperação na pesquisa.

Considerando que a globalização não é um fenômeno acabado, a internacionalização segue o mesmo caminho, pois, “por se tratar de um conceito jovem, o discurso que permeia a internacionalização nem sempre parece ser associado à realidade, sendo o termo mais frequentemente interpretado como um sinônimo de educação internacional”. (WITT, 2013).

Para Hans de Witt (2013), o conceito de internacionalização do ensino superior é um conceito jovem, que vem sendo utilizado há aproximadamente duas décadas. Segundo o autor, anteriormente utilizava-se o termo educação internacional não de forma abrangente, pois englobava atividades internacionais de forma fragmentada e dissociadas, como: estudos no exterior, orientação de estudantes estrangeiros, intercâmbio de estudantes e docentes entre universidades, estudos de áreas específicas entre outras.

Fatores como a queda da cortina de ferro³, a criação da União Europeia e a consolidação da globalização contribuíram para a transferência do conceito de “educação internacional” para o conceito da internacionalização de forma mais integrada, ou abrangente. “Com a crescente valorização do conhecimento, Estado, empresas internacionalmente competitivas e algumas famílias passam a identificar e valorizar os centros acadêmicos que fomentam pesquisa e formam profissionais cosmopolitas (Ianni, 2005) – valiosos para o país, para as empresas e com elevadas chances de sucesso profissional.

³ Cortina de Ferro foi uma expressão usada para designar a divisão da Europa em duas partes, a Europa Oriental e a Europa Ocidental como áreas de influência político-econômica distintas, no pós- Segunda Guerra Mundial, conhecido como Guerra Fria. Tal nome surgiu de um discurso do primeiro-ministro britânico Winston Churchill, proferido a 5 de março de 1946 no Westminster College, na cidade de Fulton, Missouri, nos Estados Unidos. BBC.com. http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2001/011120_palavrag.shtml “De A a Z: Era Soviética”. Acessado em 25/02/2018.

Para Knight (2008), a internacionalização do ensino superior traz uma perspectiva muito mais ampla que conceito de educação internacional apresenta, pois, se trata de um processo mais complexo:

A internacionalização do ensino superior é também um processo, embora diferente da globalização. A internacionalização do ensino superior é o processo de integração das dimensões internacionais, interculturais e globais, dentro dos objetivos, finalidades (ensino, pesquisa e extensão), e oferta do ensino superior nos níveis institucionais e nacionais. (KNIGHT, 2008)

Tradução minha

Com certa cautela, o autor Hans de Witt(2013) propõe que se deve repensar o conceito, pois, alguns aspectos econômicos interferem na finalidade principal da internacionalização, conflitando a definição de um conceito, ele destaca que:

O desenvolvimento posterior da globalização, a intensificação do tratamento do ensino como commodity e a noção de uma economia e uma sociedade global do conhecimento também resultaram numa nova gama de formas, provedores e produtos – como a instalação de *campi* no exterior, franquias e a comercialização dos serviços de ensino. Além disso, uma consequência vista atualmente é o ocasional surgimento de dimensões, visões e elementos conflitantes no discurso da internacionalização. WITT (2013).

A professora Manolita Correia Lima alerta para uma crescente valorização de levantamento de dados, principalmente por órgãos que são considerados autoridades no assunto da internacionalização: ganham legitimidade para opinar sobre aquilo que é objeto de questionamento, por isso mesmo, “seus registros adquirem status de ‘verdade’, e não apresentam uma análise profunda da realidade” LIMA (2008).

Beelen (2015) critica a forma excessiva como se foca nos meios, desconsiderando indicadores de qualidade, e alerta que um dos obstáculos a plena implementação da internacionalização da educação superior se dá pela falta de clareza de conceitos relacionados a esse processo.

Nesse sentido, é possível compreender que o conceito de internacionalização possa estar sendo banalizado, uma vez que é utilizado para toda e qualquer atividade em ensino superior que apresente algum tipo de viés internacional. O conceito de internacionalização é de uso recente. Antes da década de 90, o termo educação internacional era utilizado para englobar processos que envolviam atividades de ensino internacionais sem ter correlação entre sí. (DE WIT, 2013).

Acontecimentos mundiais como a queda da cortina de ferro e a unificação da Europa contribuíram para que houvesse uma mudança nos processos educacionais e um aprofundamento nas atividades que antes eram isoladas. Isso refletiu no conceito, passando de educação internacional, que até então era um fato comum no ocidente, para internacionalização do ensino superior. (DE WIT, 2013)

Um mercado de trabalho global exige profissionais cada vez mais qualificados com diferentes saberes e conhecimentos em outros idiomas e a respeito das diferentes culturas, em que as competências e habilidades adquiridas tornam cada vez mais competitiva a inserção nesse mercado de trabalho.

Entretanto, de acordo com De Wit (2013), o discurso de internacionalização é debatido no nível nacional:

[...] o discurso da internacionalização é muito dominado por um pequeno grupo de envolvidos: líderes do ensino superior, governos e corpos internacionais. Outros participantes, como o campo profissional e, em especial, o corpo docente e o corpo discente, dispõem de um espaço muito menor.

Observa-se, portanto, que o fenômeno da globalização impõe às universidades a necessidade de se realizar esforços para atender à crescente demanda de problemas de ordem cultural, econômica e política, entretanto, a qualidade se pauta nos números e não nos resultados concretos desse processo.

Cabe destacar, Ianni (2005):

No âmbito da sociedade global [...] comparam-se sociedades, problemas e setores sociais nacionais. Comparam-se aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, de modo a descobrir-se continuidades e descontinuidades, formas de subdesenvolvimento e estilos de desenvolvimento, condições de industrialização e processos de urbanização, tendências de secularização e modos de modernização. [...] Criam-se institutos e centros de pesquisas destinados a organizar e incentivar não só as pesquisas mas a elaboração de indicadores, índices, variáveis, padrões, classificações, hierarquias, diagnósticos, prognósticos. Formam-se especialistas em países, regiões, continentes: latinoamericanistas, africanistas, asiatólogos, soviatólogos e outros. (IANNI, 2005)

Podemos compreender então, que a internacionalização do Ensino Superior enquanto conjunto de processos pautados por políticas institucionais de internacionalização, baseadas em resultados permeados pela ética (De Wit, 2013), sem se preocupar com o

cumprimento de metas e elaboração de tabelas e gráficos e “sem uma tendência a homogeneizar realidades distintas” (Lima, 2008), traria um panorama ideal à uma educação global, como uma estratégia para a resolução de problemas sociais que deixaram de ser nacionais e passam ao patamar de mundiais.

4.5 Internacionalização ativa e passiva

De acordo com Ianni (2005) profissionais cosmopolitas são importantes para empresas e para os países, com grandes chances de sucesso: "Com a crescente valorização do conhecimento, Estado, empresas internacionalmente competitivas e algumas famílias passam a identificar e valorizar os centros acadêmicos que fomentam pesquisa e formam profissionais cosmopolitas”.

Ao buscar definir um conceito de internacionalização ativa e passiva, Lima (2008) se utiliza de um estudo desenvolvido por Larsen e Vincent-Lancrin (2002), sobre um mapeamento das motivações que levam estudantes a migrarem para estudar, em que é possível identificar as características dos que são oriundos de países com inserção ativa e passiva na internacionalização do ensino superior.

As motivações identificadas pelos autores são sócio culturais, acadêmicas, econômicas e administrativas. Tentando situar a internacionalização passiva, a autora se baseia nos dados de mobilidade estudantil, em que a emissão é maior que a recepção de estudantes estrangeiros, Lima (2008).

De acordo com Ferreira (2008), o termo ativo, aquele que exerce ação, que age, funciona, etc., reflete a ideia de algo positivo e associada à ação inteligente sobre algo ou alguém, com a intenção de produzir resultados, Lima (2008), ao passo que o termo passivo, traduz algo negativo, pois, indica algo ou aquele que recebe uma ação, que não atua e permanece inerte, Ferreira (2008).

Nesse sentido, Lima (2008) vai relacionar os termos com a internacionalização o Ensino Superior e propor um novo conceito para esse processo, em que:

Ativa: a implantação de **políticas de Estado** voltadas para a atração e **acolhimento de acadêmicos**, a **oferta de serviços educacionais no exterior** envolvendo a Mobilidade de experts em áreas de interesse estratégico, a

exportação de programas e instalação de instituições ou *campi* no exterior.

Passiva: necessidade de definir criteriosa **política de emissão de acadêmicos** (principalmente professores-pesquisadores) para se formar nos grandes centros, objetivando **investir no desenvolvimento de uma elite intelectual** capaz de influir sobre o processo de modernização de alguns setores, apesar do elevado **risco de perdê-la** frente à reduzida capacidade de oferecer atrativas condições de trabalho e remuneração ao término da formação. (LIMA, 2008) **Grifo nosso**

Outro aspecto importante ressaltado pelo autora é o de que são criadas condições para que estimulem o comércio internacional de serviços educacionais, Lima (2008). De forma histórica, “as iniciativas ligadas à internacionalização da educação são estabelecidas com os países hegemônicos e tradicionalmente associadas à emergência/amadurecimento da pós-graduação *stricto sensu*” LIMA (2008).

4.6 Que aspectos determinam os níveis de internacionalização

A fim de se propor quais seriam os níveis de internacionalização que uma instituição de ensino superior possa alcançar, e que configure a sua plena implementação, partimos da definição da professora canadense Jane Knight, (2004), uma das mais difundidas nas publicações a cerca do assunto e no meio acadêmico, que conceitua a internacionalização do ensino superior, como um “processo de integração da dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções no ensino superior”, e passando pela descrição da UNESCO (2003, p.154) “entendida como um conceito amplo, muito abrangente, que pode envolver a cooperação internacional, mas se refere também a mudanças que ocorrem dentro de uma determinada instituição, através de iniciativas políticas e de caráter específico”, compreendendo que a internacionalização não deve ser tratada como um fim, mas um meio para melhorar ou alcançar os objetivos acadêmicos da instituição ou metas socioculturais, econômicas ou políticas do país ou região. (HUDZIK, 2015, p. 24).

A internacionalização é uma das principais forças que influenciam e moldam o ensino para enfrentar os desafios do século 21, Knight (2014). De modo geral, a imagem da internacionalização que está emergindo é de complexidade, diversidade e diferenciação. Não há uma regra ou modelo definido para se caracterizar ou determinar os níveis de internacionalização de uma instituição.

Também analisando a proposta da Unesco (2003, pag.160), que estabelece os fatores que incrementam a internacionalização, apresentados na Conferência Mundial Sobre Educação Superior, na qual foi discutida o processo de internacionalização do ensino superior:

- 1) A percepção da importância do conhecimento para o bem-estar econômico, social e cultural da sociedade em todo o mundo (a sociedade do conhecimento).
- 2) Integração e aplicação das Tecnologias de Informação e Comunicação aos processos de aprendizado, ensino e pesquisa.
- 3) Pressões e demandas para que as instituições de educação superior preparem graduados, formando-os para trabalhar em um contexto internacional.
- 4) Mobilidade cada vez mais fácil de pessoas com alta qualificação, criando um mercado de trabalho competitivo para trabalhadores científicos e acadêmicos.
- 5) Redução ou estagnação do financiamento público da educação superior na maioria dos países, sem um declínio na demanda de acesso a essa educação.
- 6) Aumento da pressão para a diversificação das fontes de financiamento, que alimenta a comercialização da educação, inclusive em nível internacional.
- 7) O advento de novos supridores e inovadores no fornecimento do conhecimento da educação superior.

Para se propor o que vai indicar os níveis de internacionalização de uma instituição de ensino superior, chegamos a proposta de Rudzik (1998) o qual destaca que num processo de internacionalização há diversas ações práticas a serem observadas.

Entre essas ações, o autor estabelece algumas etapas iniciais a serem avaliadas e quais as ações a serem tomadas pela instituição que pretende internacionalizar suas atividades. A partir das proposições do autor, elaborou-se uma tabela para melhor visualização dessas etapas.

Tabela 16 - Etapas a serem cumpridas no processo de internacionalização

Etapas	Avaliação	Ação
1ª ETAPA	Contexto	Interesse institucional e apoio financeiro necessário para iniciar o processo, Motivações
2ª ETAPA	Abordagem	Análise de aspectos históricos e culturais da instituição. Análise de prioridades, missão, propósitos e percepção com relação aos benefícios
3ª ETAPA	Razão	política e/ou econômica da demanda para prosseguir

Fonte: Elaborada pela autora

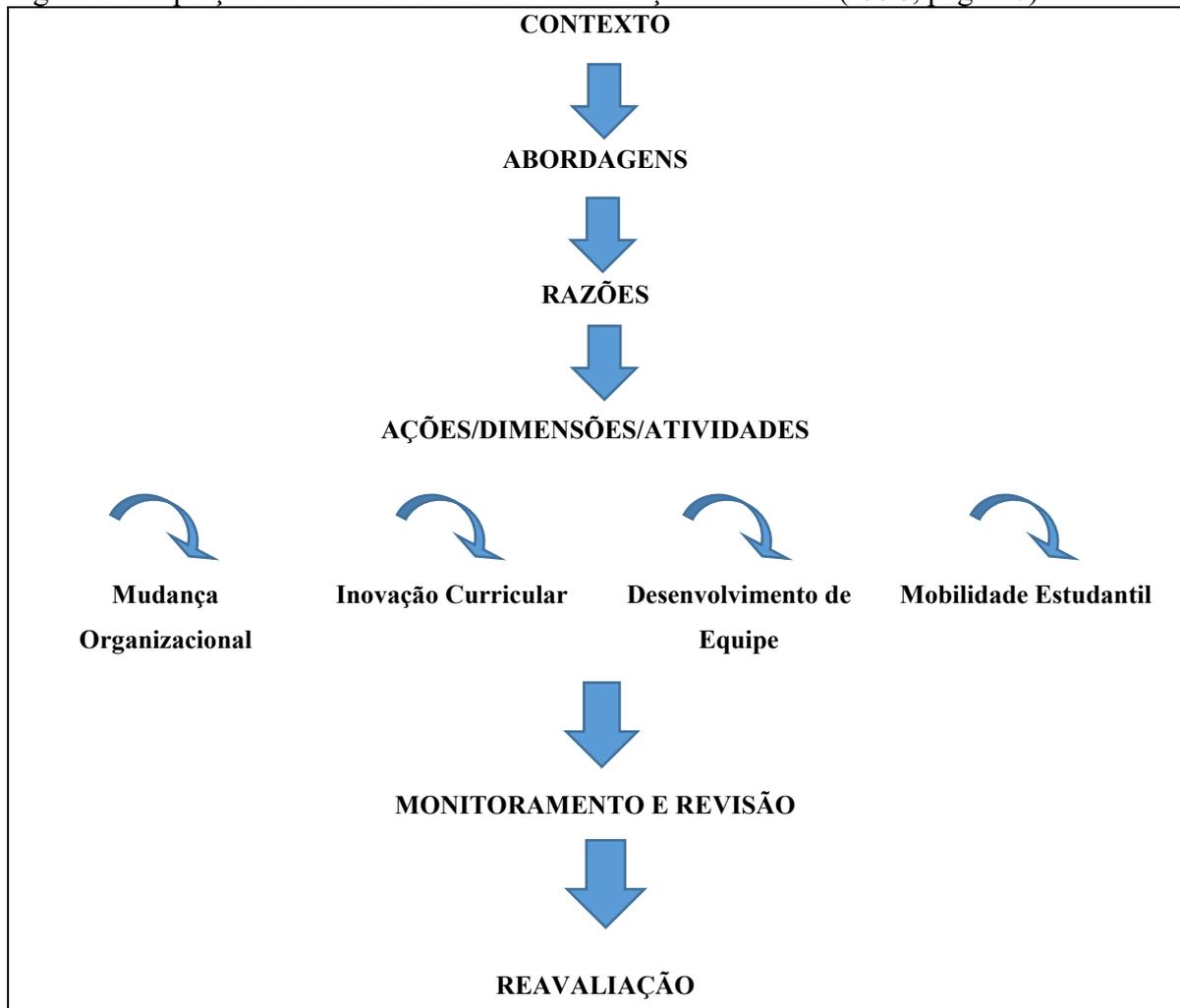
Na proposta de Rudzik (1998), a partir dessas etapas também devem ser observadas as Ações: Dimensões e Atividades em que ocorrem as mudanças, concebidas em quatro dimensões: Mudança Organizacional, Inovação Curricular, Desenvolvimento da Equipe e Mobilidade Estudantil.

Durante o processo deve ocorrer o Monitoramento e Revisão Periódica, por meio do acompanhamento das ações e feedback dos envolvidos.

Por fim, as práticas devem ser revistas e avaliadas continuamente, a fim de garantir a qualidade e as mudanças necessárias a partir da identificação de possíveis falhas a fim de garantir um ciclo de adaptação do ambiente externo e interno da instituição e a continuidade do processo, Rudzik (1998).

Adaptando a partir desse modelo do autor, de roteiro a ser seguido, foi possível criar um infográfico a fim de visualizar todo o processo de internacionalização, conforme demonstrado na Figura 1, abaixo representada.

Figura 1: adaptação do Modelo de internacionalização de Rudzik (1998, pag.220)



Embora a mobilidade acadêmica seja a parte mais visível da internacionalização, ela passou de pessoas (estudantes, professores, acadêmicos) para programas (geminção, Franquia, virtual) e provedores (*campus*), mobilidade e agora para o desenvolvimento de Educação.

Um aspecto da internacionalização, que é particularmente importante e controversa, é a educação transfronteiriça, ou transnacional. Educação transfronteiriça refere-se ao "movimento de pessoas, conhecimento, programas, provedores, políticas, ideias, currículos, projetos, investigação e serviços a nível nacional ou regional" (Knight, 2007a).

A educação transfronteiriça passou gradualmente de uma cooperação para um modelo de parceria, e agora para um modelo comercial e de competitividade (Knight, 2013). A autora alerta que o termo transfronteiriço embora seja confundido com internacionalização, na verdade é mais um dos aspectos desse complexo processo.

Os estudos a respeito da internacionalização mostram que a mobilidade acadêmica existe desde que a Universidade existe, estudantes e conhecimentos vêm se movendo ao redor do mundo há séculos, porém, no início de 2000, alguns países começaram a desenvolver programas, estrangeiros e prestadores residentes em um pequeno número de países sob a forma de Centros de educação (Hubs), surgindo uma terceira geração de educação transfronteiriça. (KNIGHT, 2014).

A finalidade da Tabela criada por Knight (2014) é resumir as características de cada uma das três gerações.

Tabela 17 – Características das gerações de educação transfronteiriça.

Educação Transfronteiriça	Foco primário	Descrição
Primeira Geração	Mobilidade de estudantes /pessoas. Movimento dos alunos para País estrangeiro para fins de educação.	Completo ou para estudos de curta duração. Pesquisa, trabalho de campo, estágio. Programas de intercâmbio.
Segunda Geração	Programa e provedor de mobilidade Movimento de programas ou Instituições / empresas Fronteiras jurisdicionais Entrega de educação	<ul style="list-style-type: none"> • Programa de Mobilidade Geminção Franquia Articulado / validado Joint / Double Award Online / Distância • Mobilidade do provedor Campus da Filial Universidade Virtual Fusão / Aquisição Instituições Independentes
Terceira Geração	Centros de educação Os países atraem estudantes, pesquisadores, trabalhadores, programas, provedores, I & D Empresas de educação, Treinamento, produção de conhecimento, fins de inovação	Estudante Hub - estudantes, programa, Os fornecedores se deslocam para o exterior para fins de educação Talent Hub - estudantes, movimento trabalhador País estrangeiro para educação e Formação e emprego Conhecimento / Innovation Hub - Educação pesquisadores, acadêmicos, IES, os centros de I & D mudam-se para o País para produzir conhecimento e Inovação.

Fonte: (KNIGHT, 2014)

Na última década, a credibilidade dos programas de ensino superior e das qualificações são extremamente importantes para os estudantes, seus empregadores, o público em geral e para a própria comunidade acadêmica, em que é dada maior importância à garantia de qualidade Institucional e nacional. (KNIGHT, 2014).

A educação transfronteiriça pode ser considerada uma faca de dois gumes. Se por um lado ela pode aumentar o acesso de estudantes locais e em muitos casos estudantes regionais, por outro lado, importando programas e fornecedores estrangeiros, pode-se questionar a relevância do Currículo para o contexto e as necessidades.

Com a inovação, vêm novas oportunidades e ameaças, benefícios e riscos, promessas e perigos, Knight (2014). A autora relaciona os maiores benefícios que a educação transfronteiriça traz:

- acesso ao ensino superior
- alianças estratégicas entre países e regiões
- produção e intercâmbio de novos conhecimentos através de parcerias acadêmicas/indústria
- a mobilidade dos licenciados e profissionais
- desenvolvimento dos recursos humanos e capacitação institucional
- geração de renda ou de atração de investimentos estrangeiros
- melhoria da qualidade acadêmica
- novas competências interculturais e compreensão internacional
- aumento da compreensão mútuas locais.

Ela também relaciona uma lista de riscos potenciais:

- um aumento nos programas de baixa qualidade
- uma potencial diminuição do financiamento público se os fornecedores estrangeiros estão proporcionando maior acesso
- cursos sendo impulsionado por necessidades de curto prazo do mercado de trabalho
- prestação estrangeira não-sustentável do ensino superior se as margens de lucro são baixas
- diplomas duplos que desvalorizam a integridade de uma qualificação
- diplomas estrangeiros não ser reconhecido pelos empregadores ou instituições de ensino
- elitismo em termos de quem pode pagar a educação transfronteiriça
- uso excessivo de Inglês como língua de instrução
- pouca importância a ser dada à pesquisa colaborativa
- os objetivos da política nacional de ensino superior não sejam atingidos.

Nesse sentido, os benefícios, os riscos e os impactos devem ser cuidadosamente calculados para cada instituição e país. É importante reconhecer o enorme potencial da educação transfronteiriça, mas não em detrimento da qualidade e integridade acadêmicas.

4.7 Considerações sobre o capítulo

Considerando que a internacionalização do ensino superior, seja uma consequência, um efeito da Globalização e que esse efeito influencia e molda o ensino para enfrentar esse mundo globalizado e que por se tratar de um processo dinâmico, que se adapta às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, é possível compreender que o termo internacionalização não tenha um conceito fechado. Diante dessa influência, é necessário que as universidades revejam seus procedimentos a fim de se adaptar aos desafios desse mundo novo e suas demandas.

Por se tratar de um processo que possui vários aspectos e diferentes atividades, desde uma mobilidade estudantil até uma política institucional mais abrangente, é possível compreendê-lo como complexo e diversificado. E, embora não exista um modelo a ser seguido, partindo dos elementos levantados pela literatura analisada, é possível organizar um modelo em que ações, etapas e metas elementares possam servir como balisadores e auxiliar na organização do processo de internacionalização em uma instituição de Ensino Superior.

Esse modelo vai permitir identificar as atividades que ocorrem na Unioeste e ao tentar enquadrar essas atividades dentro desse processo complexo, é necessário que se estabeleça um conceito de internacionalização para o presente estudo, conforme veremos no capítulo a seguir.

5 PROPOSTA DE MODELO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo final, se pretende apresentar uma proposta de modelo de internacionalização do ensino superior, partindo dos conceitos de internacionalização do ensino superior, (GACEL-AVILA, 2007, KNIGHT,2008, LIMA,2008 E WITT, 2013), observadas as etapas apresentadas pelo modelo proposto por Rudzik e considerando os fatores que incrementam a internacionalização na proposta da Unesco, estabelecemos uma tabela, em que se apresenta cada atividade observada na educação internacional, a fim de se tentar identificar quais os níveis de internacionalização existentes nas atividades, processos e procedimentos de uma Instituição de Ensino Superior.

Nesse sentido avaliando as ações e etapas cumpridas a partir de um modelo construído com elementos importantes desse processo e buscando identificar em qual tipo de internacionalização a Unioeste se enquadra, optou-se por alguns conceitos: O de Universidade, apresentado por HOUAISS (2009) “Instituição de ensino e pesquisa constituído por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e pratica nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados a comunidade científica mais ampla” e também se optou pelo conceito de internacionalização apresentado por KNIGHT(2008) como um processo de integração das dimensões internacionais, interculturais e globais, dentro dos objetivos, finalidades (ensino, pesquisa e extensão), e oferta do ensino superior nos níveis institucionais e nacionais. Partindo desses conceitos será possível avaliar se as atividades realizadas na Unioeste se configuram como atividade internacionais ou efetivamente como uma internacionalização do ensino superior, e ainda se se caracteriza como Ativa ou Passiva.

5.1 Proposta de Modelo de Internacionalização de uma Instituição de Ensino Superior.

Partindo da literatura estudada a respeito da internacionalização do ensino superior, observou-se que existem dimensões, ações institucionais e atividades correlacionadas a estas dimensões a serem respeitadas quando se pretende instituir um processo de internacionalização em uma universidade. Essas características não estão previstas ou dispostas dessa forma em nenhuma literatura. Foram organizadas pela autora, a partir de elementos

presentes nos diversos textos estudados e compilados em uma tabela a fim de visualizar melhor o processo de internacionalização, nesse sentido, podendo ser entendido como uma proposta de organização desse processo.

Tabela 18 – Proposta de ações a serem observadas na internacionalização do ensino superior

DIMENSÕES	AÇÕES	ATIVIDADES
Mudança Organizacional	Política de Internacionalização	- Planejamento estratégico - Política Institucional de Internacionalização - Estrutura organizacional
	Resoluções internas	- Aprovação de Regulamentos e estabelecimento de Convênios
	Cultura organizacional	- Conscientização e alinhamento do pessoal com a política de Internacionalização Institucional - Identificação visual em duas ou três línguas
Inovação Curricular	Internacionalização do currículo	- Disciplinas em outra língua
	Aproveitamento de estudos	- Flexibilização curricular.
	Cooperação em pesquisas	- Convênios de cooperação técnica com Instituições estrangeiras
Desenvolvimento da Equipe	Pessoal Técnico Administrativo e Docentes	- Cursos de idiomas - Capacitação para atendimento especializado a estrangeiros - Intercâmbio docente
Mobilidade Estudantil	Intercâmbio de estudantes	- Programas de Mobilidade - Dupla Diplomação - Cooperação acadêmica
	Recepção de estudantes estrangeiros	- Política de assistência estudantil - Estrutura física e de Recursos humanos.

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se nessa proposta, que existem atividades previstas como componentes de um processo de internacionalização que pressupõe ações institucionais que advêm de quatro dimensões. Nada impede que essa tabela de atividades seja ampliada de acordo com a realidade de cada instituição, pois, não se há a pretensão de estabelecer parâmetros fixos, num processo dinâmico, mas, podem servir como um ponto de partida para a implantação de uma política institucional de internacionalização:

- Mudança Organizacional: estão previstas algumas ações que envolvem a administração superior das instituições, pois, pressupõe ações de cunho político-administrativo como a criação de uma política institucional de internacionalização, o desenvolvimento de um

planejamento estratégico das atividades a fim de se identificar os pontos fortes e fracos e os cenários possíveis dentro da realidade da instituição e uma reorganização da estrutura organizacional, seja com a criação de núcleos de apoio ou escritórios de relações internacionais, fundamentais para a manutenção dessa política. Com relação a regulamentação interna, é necessário estabelecer diretrizes e regulamentos que orientem as ações e permita o estabelecimento de convênios e parcerias, fundamentais para o processo. Ainda na esfera administrativa, a internacionalização necessita de uma postura comportamental da organização como um todo, pois, envolve toda a comunidade acadêmica. Desde a menor instância até as instâncias superiores, devem compreender a internacionalização dentro da universidade, o trânsito de estrangeiros numa instituição requer no mínimo, uma identificação visual clara e bilingue, além de pessoal preparado para atender as demandas que possam surgir.

- Inovação Curricular: nessa dimensão existe uma necessidade de conscientização da comunidade acadêmica, tanto para atender os estrangeiros que chegam à universidade quanto para atender aos estudantes que retornam de Mobilidade acadêmica e necessitam de aproveitamento de estudos realizados em instituições estrangeiras. Nesse sentido, existe uma necessidade de internacionalização do currículo com a oferta de disciplinas em idioma estrangeiro. No aproveitamento de estudos é necessária uma flexibilização curricular para a equivalência de conteúdos e também a cooperação em pesquisas fundamentais para a efetivação de um dos aspectos da internacionalização: a cooperação acadêmica por meio da integração.

- Desenvolvimento de equipe: tanto o pessoal técnico administrativo quanto pessoal docente deve estar preparado para atender aos estrangeiros que passam pela universidade e nesse sentido a instituição necessita de um programa contínuo de capacitação, por meio de cursos de idiomas, participação em eventos e em programas de intercâmbio.

- Mobilidade Estudantil: seja pelo envio de estudantes às instituições estrangeiras, seja pelo recebimento de estudantes e professores estrangeiros, a universidade deve prever dentro da política institucional, programas de mobilidade, de cooperação acadêmica e de dupla diplomação, além de uma política de assistência estudantil que atenda aos estudantes estrangeiros em suas necessidades básicas de permanência, sejam elas pedagógicas, administrativas, pessoais ou sociais e também uma estrutura física e de recursos humanos mínima para o atendimento das demandas oriundas dessa dimensão.

As dimensões aqui apresentadas, foram estruturadas nessa proposta a partir de alguns elementos presentes na literatura disponível, após a análise da documentação

existente na Unioeste e a partir do relato das experiências dos estudantes participantes de programas de mobilidade, bem como dos estudantes estrangeiros presentes na universidade que responderam aos questionários e também das atividades realizadas na Unioeste, que foram identificadas como de cunho internacional.

5.2 A realidade da internacionalização na Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A partir da proposta de ações a serem observadas numa implantação de um processo de internacionalização do ensino superior apresentada e analisando os dados apresentados, bem como a regulamentação existente na Unioeste, neste capítulo se buscou identificar quais atividades a Unioeste exerce, relacionadas com a internacionalização e quais são efetivamente atendidas, considerando os aspectos já apresentados.

Para tanto foi elaborada uma tabela baseada na proposta de ações, em que se consideraram as atividades previstas nas dimensões: Mudança Organizacional, Inovação Curricular, Desenvolvimento da Equipe e a Mobilidade Estudantil.

Também foram analisadas as respostas dos estudantes que participaram de programas de mobilidade e o relato de suas experiências, bem como dos estudantes estrangeiros, a fim de se criar parâmetros para contribuir com a pesquisa realizada e as conclusões pertinentes.

A partir dessas informações, e considerando que para cada atividade realizada efetivamente se considere uma ocorrência positiva (SIM) e para as não realizadas uma ocorrência negativa (NÃO), busca-se compreender em que situação se encontra a internacionalização na Unioeste.

Tabela 19: Ações e atividades de internacionalização que ocorrem na Unioeste

DIMENSÕES	AÇÕES	ATIVIDADES	OCORRE NA UNIOESTE?
Mudança Organizacional	Política de Internacionalização	- Planejamento estratégico	Não
		- Política Institucional de Internacionalização	Não
		- Estrutura organizacional	SIM: Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais
	Resoluções internas	- Aprovação de Regulamentos e estabelecimento de Convênios	Sim
	Cultura organizacional	- Conscientização e alinhamento do pessoal com a política de Internacionalização Institucional	Não
- Identificação visual em duas ou três línguas		Não	
Inovação Curricular	Internacionalização do currículo	- Disciplinas em outra língua	Não
	Aproveitamento de estudos	- Flexibilização curricular.	Não
	Cooperação em pesquisas	- Convênios de cooperação técnica com Instituições estrangeiras	Sim
Desenvolvimento da Equipe	Pessoal Técnico Administrativo e docente	- Cursos de idiomas	Sim
		- Capacitação para atendimento especializado a estrangeiros	Não
		- Intercâmbio docente	Sim
Mobilidade Estudantil	Intercâmbio de estudantes	- Programas de Mobilidade	Sim: Externos
		- Dupla Diplomação	Não
		- Cooperação acadêmica	Não
	Recepção de estudantes estrangeiros	- Política de assistência estudantil a estudantes estrangeiros	Não
- Estrutura física e de Recursos humanos.		Não	

Fonte: Elaborada pela autora, baseada nos dados coletados na Unioeste.

Analisando as ações e atividades que ocorreram na Unioeste, no período pesquisado de 1996 a 2016, é possível observar que das atividades previstas enquanto internacionalização do ensino superior, de acordo com o modelo proposto, 06 já ocorrem e 11 ainda não ocorreram, nesses 20 anos.

A aprovação de Resoluções internas não pressupõe garantia de um processo de internacionalização forte, pois, se não houver uma política institucional, baseada em princípios norteadores, não se chega a lugar algum.

Atividades como participação de estudantes em programas de mobilidade acadêmica, também não configuram um processo de internacionalização, pois, embora seja a parte mais visível desse processo, por necessidade desses estudantes, essa atividade sempre aconteceu e sempre vai ocorrer. Embora, a participação nesses ou em qualquer experiência de mobilidade acadêmica internacional, será inócua, se não houver outras ações complementares, como a flexibilização curricular ou a oferta de disciplinas em língua estrangeiras e ainda, comunicação visual e uma equipe preparada para enviar a receber estudantes em mobilidade.

Se não houver um mínimo de disposição institucional, com a compreensão e uma visão estratégica desse importante processo, na qual se busca uma ampliação e manutenção dessas atividades de forma permanente, aliada a um comportamento ativo de internacionalização, o processo não se estabelece, sobrevivendo apenas de poucas atividades isoladas e desempenhadas de forma passiva.

Em todas as dimensões existem ações e atividades a serem implementadas e constantemente avaliadas e retroalimentadas, para que ocorra uma internacionalização efetiva na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a Unioeste é uma Universidade multicampi, inserida num contexto regional de tríplice fronteira e que essa inserção abrange um amplo espectro de municípios da Região Oeste e Sudoeste do Paraná; E, que durante muitos anos se buscou verticalizar a Universidade com o aumento dos cursos de graduação e criação dos cursos de Pós-Graduação, aumentando conseqüentemente a capacitação docente;

Considerando que das atividades de internacionalização do ensino superior, ocorridas na Unioeste, no período de 1996 a 2016, ainda estão num contexto inicial, e em grande parte se tratam de iniciativas próprias de docentes que se afastaram para cursar pós-graduação no exterior, podendo ser consideradas atividades de educação internacional, DE WIT(2013);

Considerando que essas atividades iniciais também englobam a movimentação de estudantes, por meio da participação em programas de Mobilidade Estudantil. E, que o número dos estudantes estrangeiros na Unioeste não chega a ser relevante, uma vez que grande parte dos estudantes estrangeiros são de origem paraguaia;

Analisando os dados levantados no período proposto para a pesquisa, de 2006 a 2016, em que se mensurou o número de afastamento docentes para qualificação no exterior, o número de estudantes estrangeiros que se matricularam no período proposto, o número de estudantes da Unioeste que participaram de programas de Mobilidade Estudantil Internacional, as regulamentações que prevêm convênios e procedimentos relacionados à internacionalização;

Analisando a bibliografia existente a respeito da internacionalização do Ensino Superior e comparando com as atividades e ações que ocorreram na Unioeste no período proposto; embora a Mobilidade Estudantil seja a parte mais visível da internacionalização e esteja mais presente nas atividades ocorridas na Unioeste;

É fato compreender que a internacionalização do ensino superior como proposto na literatura, não ocorreu de forma efetiva na Unioeste, devido aos seguintes fatores:

- Ausência de uma política institucional de internacionalização
- Ausência de uma cultura organizacional
- Ausência de internacionalização do currículo
- Ausência de flexibilização curricular
- Capacitação e conscientização do corpo docente e administrativo

- Recepção de estudantes e docentes estrangeiros com um mínimo de estrutura.

Portanto, é possível concluir que as atividades de internacionalização ocorridas na Unioeste, no período proposto, de 1996 a 2016, não passaram de atividades de Educação Internacional, devido a uma ausência de uma Política Institucional de Internacionalização e também de um planejamento estratégico que possa verificar os pontos fortes e potencializar as qualidades da Unioeste, enquanto uma universidade inserida num contexto internacional de fronteira. Nesse sentido, considerada dessa forma como uma internacionalização passiva, (LIMA, 2008).

Para que a internacionalização do ensino superior possa ocorrer na Unioeste a forma ativa e de atender à finalidade principal da Unioeste, que é a socialização do conhecimento para a construção de um mundo melhor, se faz necessária uma profunda análise das concepções de internacionalização e a criação de uma política institucional de internacionalização, com critérios e observadas as etapas iniciais propostas por Rudzik, (1998):

- 1 - Interesse institucional e apoio financeiro necessário para iniciar o processo,
- 2 - Análise de aspectos históricos e culturais da instituição.
- 3 - Análise de prioridades, missão, propósitos e percepção com relação aos benefícios
- 4 - Política e/ou econômica da demanda para prosseguir

Cabe destacar que, embora não esteja contido no período compreendido pela pesquisa, desde 2016, a Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais - ARI passa por uma reestruturação e diversas atividades internacionais vem sendo desenvolvidas com o intuito de maximizar transversalmente a cooperação interinstitucional e internacional, por meio dos programas de graduação e pós-graduação, da pesquisa, inovação e extensão. A partir de 2017, a ARI elaborou uma minuta de um Plano de Políticas de Internacionalização da Unioeste. O documento foi apreciado pela comunidade acadêmica e aprovado por meio da Resolução nº 134/2017-CEPE, DE 14 de setembro de 2017, iniciando assim um novo tempo para a internacionalização na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

De todo modo, o processo de internacionalização não é algo estanque, é um processo que se aprimora e se retroalimenta. Não está vinculado a uma única atividade da Universidade, pelo contrário, perpassa o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, portanto, não pode se configurar como uma quarta missão da Universidade. É um processo inevitável a qualquer Universidade, em que todos os centros do conhecimento cada vez mais terão que se adaptar e

incorporar em suas atividades e nesse contexto atual, deixar de ser local e passa ao patamar da cooperação internacional na produção do conhecimento humano, sem perder a sua identidade.

7 REFERÊNCIAS

AMARANTE, Juliana Marangoni; VERDU, Fabiane Cortez. **Um levantamento de publicações sobre internacionalização de instituições de ensino superior**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 37, n. 2, p. 127, 2015. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/11-JORNALISMO-02.pdf>>. Acesso em: 24.08.2015

BEELEN, Jos. “**Internationalization at Home in a Global Perspective: A Critical Survey of the 3rd Global Survey Report of IAU**”. In: “Globalisation and Internationalisation of Higher Education” [online monograph]. Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC). vol. 8, No 2, pp. 249-264. UoC. [Accessed: 28/02/2015].

BRACKMANN, Marta Maria. **Internacionalização da Educação Superior e Política Externa Brasileira: Estudo da Criação da Universidade Federal da Integração LatinoAmericana (UNILA)**, PUCRS, Porto Alegre, 2010.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria**. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAPES, <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em: 15/07/2017.

CARNOY, M. (1999). **Globalization and Educational Reform: What Planners Need to Know**, Paris: UNESCO, International Institute for Educational Planning.

COU, Resolução nº 032/1996 - COU. **Estrutura Organizacional da Unioeste**, (1996), Disponível em: <http://www.unioeste.br/servicos/arqvirtual/cons_arq.asp>. Acesso em: 15/07/2017.

COU, Resolução nº 017/1999 - COU. **Estatuto da Unioeste**, (1999), Disponível em: <http://www.unioeste.br/servicos/arqvirtual/arquivos/0171999-COU.pdf>>. Acesso em: 22/07/2017.

COU, Resolução nº 028/2003 - COU. **Regimento Geral da Unioeste**, (2003), Disponível em: <<http://www.unioeste.br/servicos/arqvirtual/arquivos/AnexoI-Resolu%C3%A7%C3%A3o0282003-COU.pdf?16:21:57>>. Acesso em: 29/07/2017.

DE WIT, Hans. **Reconsidering the Concept of Internationalization. In International Higher Education**. Boston. December, 2013. _____. Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions. International Higher Education – Number 64 – Summer, 2011. p. 6-7.

FEDERAL, SENADO. Decreto Nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acesso em: 28/02/2015.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Houaiss; Objetiva, 2009

FEDERAL, SENADO. "**Lei de diretrizes e bases da educação nacional.**" (1996).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo; 2008

GIL, Antônio Carlos, **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**, 4. Ed. - São Paulo : Atlas; 2002

GIOVANNI E NOGUEIRA, **Dicionário de políticas Públicas/** Organização de Geraldo Di Giovanni e Marco Aurélio Nogueira, 2.Ed. – São Paulo: UNESP; Fundap 2015.

HUDZIK, John K. **Comprehensive Internationalization, From Concept to Action.** Executive Summary. Nafsa, 2011.

IANNI, O. **A sociedade global.** 12^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

IANNI, Octávio. **Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais,** Estudos avançados - SciELO Brasil, 1994 .

IANNI, Octávio. **Teorias da Globalização,** 9^a edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KNIGHT, J. **Internationalization of higher education: a conceptual framework.** In: KNIGHT, J.; De WIT, H. (Ed.). *Internationalization of higher education in Asia Pacific Countries.* Amsterdam: European Association for International Education, 1997. p. 5-19.

Knight, Jane. **Journal of Studies in International Education,** v8 n1 p5-31 2004.

KNIGHT, Jane. **Higher Education in Turmoil. The Changing World of Internationalization.** In **Global Perspectives on Higher Education.** Vol. 13. Sense Publishers. Rotterdam/Taipei, 2008.

Knight, J. (2014) "**Three Generations of Crossborder Higher Education: new developments, issues and challenges**" in B. Streitwieser. *Internationalization of Higher Education and Global Mobility.* Oxford, United Kingdom: Symposium Books. pp 43-58.

KRAMER, Samuel Noah (1971). **The Sumerians: Their History, Culture, and Character** [S.l.: s.n.] ISBN 9780226452388. Acessado em 10 Junho 2016.

LIMA, Manolita C.; BETIOLI CONTEL, Fábio. **Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil.** Revista e-Curriculum, PUCSP – SP, Volume 3, número 2, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Visitado em: 28/02/2015.

LIMA, M. C. & Maranhão, C. M. do S. de A. (2009). **O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva.** Revista Avaliação, vol. 14, 3, 583-610.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Bibliotheca Alexandrina**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 1, n. 2, p.71-91, jan./jun.2004. Disponível em <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/295/174>> Acessado em 10 Junho 2016.

MIURA, I. K. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento**. 2006. 381 f. Tese de Livre Docência – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

OLIVEIRA, Juliana Santini de. **"A internacionalização da educação superior nas relações internacionais do Brasil: o caso do Programa Ciência sem Fronteiras."** (2015).

RUDZKI, R. E. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice. Thesis submitted for the Degree of Doctor of Philosophy at the School of Education. University of Newcastle upon Tyne**, United Kingdom, 1998. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia na Faculdade de Educação, University Of Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 1998.

Seabra-Santos F, Almeida-Filho Nm. **A Quarta Missão Da Universidade**. Coimbra/Brasília: Educoimbra/Edunb; 2012.

SOUZA, E. P., **Mapeando Os Caminhos Da Internacionalização De Instituições De Ensino Superior No Brasil**. Dissertação De Mestrado, Faculdade De Economia, Administração E Contabilidade, Universidade De São Paulo, São Paulo; 2008.

UNESCO. **Educação superior: reforma, mudança e internacionalização**. Anais. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208 p.

8 ANEXOS

MODELO DE QUESTIONÁRIO

Aos discentes estrangeiros em Mobilidade Estudantil na Unioeste

A fim de subsidiar uma Pesquisa sobre Mobilidade Estudantil Internacional, solicito a gentileza de responder o questionário abaixo, assinalando a(s) respostas(s) que entender ser a mais apropriada ou relatando a sua experiência quando for o caso. As informações são sigilosas e serão utilizadas para subsidiar a referida pesquisa.

1 - Qual seu curso e campus? _____

2 - Qual o seu país de origem: _____

3 - Você participou de algum processo seletivo para ingressar na Unioeste

() Sim () Vestibular () Sisu () PEC-G () PROVOU ()

Outro: _____

() Não. Por qual meio você ingressou na Unioeste: () convite () programa de intercâmbio

() convênio da Unioeste com Instituição estrangeira ou programa

4 – Em que ano você ingressou na Unioeste

() 2011

() 2012

() 2013

() 2014

() 2015

5- Quanto tempo você ficará no Brasil para cursar um curso superior na Unioeste?

6 - Você possuía a proficiência na língua Portuguesa?

() Sim

() Não

() Fiz curso ou nivelamento ao chegar aqui. Tempo: _____ meses.

7 – Você já realizou anteriormente outro curso no Brasil?

() Não

() Sim, qual? () Cursos extraclasse () Estágio remunerado () Monitoria () outra graduação

8 - Você saiu do seu país de origem para morar no Brasil, com a finalidade de estudo?

() Sim,

() Não, já morava no Brasil

9 - Qual o principal motivo que o levou a buscar estudo fora do seu país?

10 - Qual o motivo que o levou a escolher a Unioeste?

10 - Qual foi as barreiras enfrentadas nessa experiência?

11 - Ao terminar o curso, você pretende retornar ao seu país de origem?

() Sim

() Não. Por quê?

Obrigada!

MODELO DE QUESTIONÁRIO

Aos discentes participantes de Mobilidade Acadêmica

A fim de subsidiar uma Pesquisa sobre Mobilidade Estudantil Internacional, solicito a gentileza de responder o questionário abaixo, assinalando a(s) respostas(s) que entender ser a mais apropriada ou relatando a sua experiência quando for o caso. As informações são sigilosas e serão utilizadas para subsidiar a referida pesquisa.

I – Com relação à experiência de Mobilidade Acadêmica Internacional

1 - Qual seu curso e campus?

2 - Você participou de algum processo seletivo para programa de Mobilidade internacional

() Sim qual _____

() Não. Por qual meio você participou de Mobilidade Acadêmica Internacional:

() convite

() programa de intercâmbio

() convênio da Unioeste com Instituição estrangeira

() por iniciativa e conta própria

3 – Em que ano você saiu para realizar a Mobilidade Acadêmica Internacional

() 2011

() 2012

() 2013

() 2014

() 2015

4- Quanto tempo você ficou em país estrangeiro?

() 6 meses

() 1 ano

() 1 ano e 6 meses

() 2 anos

() outro _____

5 - Você possuía a proficiência na língua do país anfitrião?

() Sim

() Não

() Fiz curso ou nivelamento no próprio país receptor. Tempo: _____ meses.

6 - Você mudou de país ou instituição durante o período de Mobilidade?

() Não

() Sim. Quantas vezes? _____ Qual local? _____

Motivo: _____

7 - Você cumpriu todo o programa de estudos planejados antes da sua partida?

() Sim

() Não. Houve necessidade de realizar mais disciplinas

() Não. Houve necessidade de reduzir disciplinas. Motivo: _____

8 – Você realizou outras disciplinas ou atividades?

- Cursos extraclasse
 Estágio remunerado
 Monitoria

9 - Você recebeu alguma proposta ou convite para retornar à Instituição que o recebeu?

- Sim. Qual finalidade: Pós graduação Emprego Pesquisa Outro _____
 Não

10 - Você foi orientado pela Unioeste sobre os procedimentos necessários para a sua saída da Unioeste?

- Sim. Por quem: Coordenação do seu curso pela Prograd pela Assessoria de Relações Internacionais
 Não

11 – Antes da sua partida, realizou algum dos procedimentos abaixo? (Assinale com X todos os procedimentos realizados)

- Atendeu todos os requisitos necessários previstos em Edital ou pelo órgão que propôs a Mobilidade.
 Preenchimento de formulário de afastamento: Requerimento ao Coordenador do seu curso, Plano de estudos, dados da Instituição receptora, aceite do Colegiado e ciência da Secretaria Acadêmica, etc...
 Apresentou os documentos comprobatórios da saída: comprovação de aprovação em processo de seleção ou aceite da instituição receptora, cópia do passaporte, cópia de outros documentos (passagem aérea, seguro de viagem, etc)
 Verificou sua situação de matrícula na Unioeste durante o período de afastamento
 Realizou Curso ou Exame de Proficiência no idioma do país anfitrião antes da partida

12 – Com relação à proficiência no idioma do país anfitrião:

- Realizou curso, exame ou teste de proficiência lá no país anfitrião.
 qual língua _____
 quanto tempo _____
 Não realizou.

13 – Você obteve bolsa para manutenção no país estrangeiro?

- Sim. Qual o valor total da bolsa (em reais)? _____
 Não. Meio de manutenção: trabalho família outro

14 - Na instituição que você participou quais tipos de assistência existiam para o estudante estrangeiro:

- alimentação
 moradia
 transporte
 wi-fi
 atendimento médico e psicológico
 monitoria
 Outros. _____

15 – Utilizou alguma dessas Assistsências?

() Sim. Qual? _____

() Não.

16 - Com relação ao período em que esteve em Mobilidade, descreva as experiências vividas com relação a: comunicação (língua, expressões diferentes); clima, cultura e costumes (vida social, roupas, comidas, musica), relacionamento interpessoal no comércio, no trânsito e na Instituição, método de ensino-aprendizagem, tecnologia (internet, equipamentos disponíveis para os estudantes), saúde ou atendimento médico ou farmacêutico:

17 – Durante o Período de Mobilidade houve algum episódio traumático para você?

() Não

() Sim. Qual? _____

II – Com relação à experiência após o retorno da Mobilidade

18 – Houve algum contratempo durante o seu retorno ao Brasil?

() Não

() Sim. Qual? _____

19 – Relate quais as dificuldades você encontrou no retorno das suas atividades na Unioeste:

20 – Com relação à experiência após o retorno da Mobilidade Acadêmica Internacional para a Unioeste:

() retomei os estudos na Unioeste de onde parei

() obtive aproveitamento de todas as disciplinas cursadas no exterior

() obtive aproveitamento parcial das disciplinas cursadas no exterior

() o aproveitamento foi cadastrado no meu histórico escolar como Formação independente

() o aproveitamento foi cadastrado no meu histórico escolar como Atividades Acadêmicas Complementares

() precisei traduzir toda a documentação para solicitar o aproveitamento

() consegui concluir o curso de graduação sem maiores problemas

()consegui ou conseguirei concluir o curso de graduação na Unioeste dentro do tempo máximo previsto

() obtive certificados de cursos extracurriculares

() obtive dupla diplomação (Unioeste e da IES estrangeira)

() A formação no exterior me possibilitou retornar ao país anfitrião e continuar cursando Pós graduação

() A formação no exterior influenciou a seleção do meu currículo para uma vaga de emprego

21 – Na sua opinião, a experiência de Mobilidade Acadêmica Internacional é adequada para estudantes de graduação?

() Sim

() Não. ()Seria mais adequada para estudantes de Pós-Graduação ou para docentes ()

Outros: (Por quê?):

22 - Qual foi a principal barreira enfrentada nessa experiência?

Obrigada!